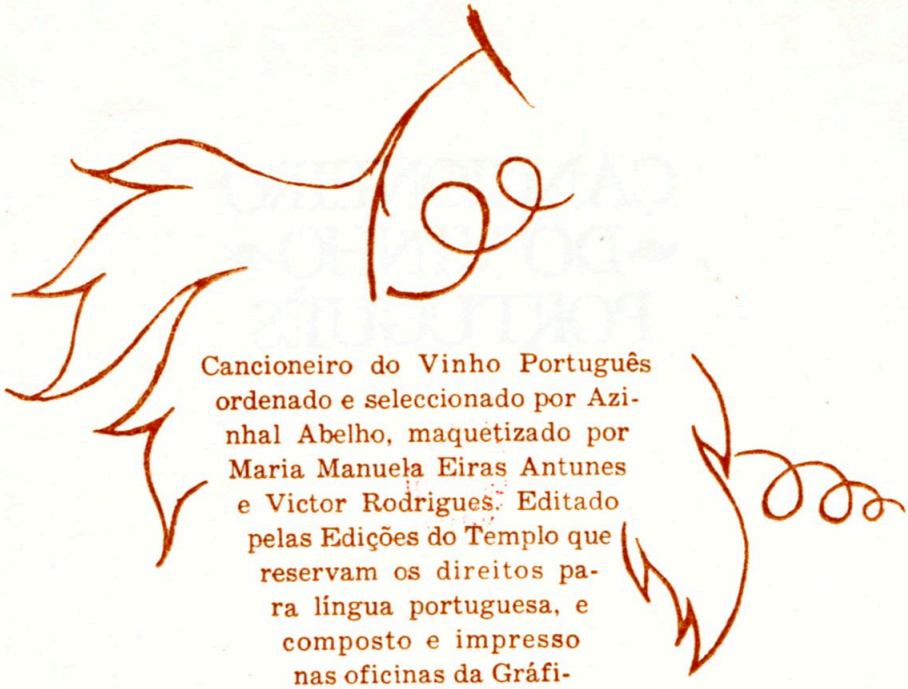
CANCIONEIRO DO VINHO PORTUGUÊS

CANCIONEIRO DO VINHO PORTUGUÊS



Cancioneiro do Vinho Português ordenado e seleccionado por Azinhal Abelho, maquetizado por Maria Manuela Eiras Antunes e Victor Rodrigues. Editado pelas Edições do Templo que reservam os direitos para língua portuguesa, e composto e impresso nas oficinas da Gráfica Imperial, em Lisboa, em Novembro de 1978, ano de más colheitas e de «pranto de Maria Parda»

CANCIONEIRO DO VINHO PORTUGUÊS

Selecção
de
Azinhal Abelho

Edições do Templo

LISBOA · MCMLXXVIII

OBRAS DO AUTOR

Poesia:

Solidão, ai dão, ai dão!
Confidências dum rapaz provinciano
Epopeia vulgar dum pobre diabo
Victorial
Canto Chão
Domingo Ilustrado
ABCedário de Lisboa
Eu fui Guadiana abaixo
Os Anjos cantam o Fado
Cancioneiro do Natal Português
7 Ex-Votos a Nossa Senhora
7 Loas ao Menino Jesus
7 Loas aos Ciganos
Cancioneiro do Vinho Português

Prosa:

Badanais (contos)
Arraianos (novela)
Elogio da Província (etnografia lírica)
Comoção rural na poesia de António Sardinha (estudo)
Barros de Estremoz (memória)
Os da Orada (estórias)
A história duma Azinheira (legenda infantil)
A aventura da Cortiça
Lisboa, num cravo de papel

Teatro:

Florilégio à Santa Beatriz da Silva (auto)
Glória ao Deus Menino (auto)
Teatro Popular Português (antologia — 6 volumes)

Traduções:

«Yerma», de Garcia Lorca (em colaboração com Orlando Vitorino)
«Três Irmãs» de Tcheckhov (em colaboração com Orlando Vitorino)

Primeira legenda

Quando te ameace a tristeza
Põe outro talher na mesa.

Escolhe um vinho excelente
Que te mantenha a alegria;
Mas vigia atentamente
Se algum copo se esvazia.

E a quem partilhe contigo
Do teu vinho e do teu pão,
Abre-lhe o teu coração
Porque é de facto um amigo.

Os pensamento sombrios
Geram-se em copos vazios.

(Dum cartaz editado pela Parceria António Maria Pereira)

ROTEIRO LÍRICO
DO
VINHO PORTUGUÊS

Vinho! Nectar dos deuses! Salmo bíblico! Ode litúrgica! Tema poético!

A água é para os peixes! O vinho é para os homens! Pois dá força aos fracos, alegria aos tristes, alívio aos doentes, cor aos desmaiados e fé aos descrentes.

Vinho e amigo, o mais antigo!

Nos caminhos ásperos da antiga Lusitânia, percorridos pelos romanos, godos e sarracenos, ficaram apegados os indícios das velhas civilizações, com arte na feitura do vinho.

Vinho ibérico!

Duma antiga resenha transcrevemos o historial:

«Tem-se admitido que a introdução da videira no território que viria a constituir Portugal remonta à civilização grega, quando os navegadores helénicos estabeleceram feitorias no Mediterrâneo ocidental e iniciaram as suas digressões pelas costas europeias do Atlântico.

Com a romanização da Península a vinha acabou por mais se radicar e expandir.

Até dada altura, aí por 282, ano em que morreu Probus, vigoraram limitações à cultura da videira, nas províncias romanas, com

o propósito de obstar à concorrência que os novos vinhos poderiam fazer aos italianos.

Mas, aos setecentos anos de domínio romano, seguiu-se a presença dos povos bárbaros, e três séculos depois, os sarracenos. Os primeiros não só ampliaram as áreas de cultura da vinha, como instalaram os cereais. Os sarracenos, porém, com os impedimentos levantados pela sua religião, não só voltaram a limitar a sua cultura como a acabar com as primitivas áreas de plantia.

No Portugal medieval, através do impulso dado à agricultura, fomentando o aproveitamento das terras, a vinha voltou a desenvolver-se entre nós.

Como cultura de colonização, deve-se à vinha o próprio adensamento das populações e o fortalecimento do erário régio.

Foi, porém no reinado de D. Fernando I que a vinicultura conheceu particular desenvolvimento no sul do País.

No reinado de D. João I foi aumentada a exportação de vinhos para a Inglaterra.

A sangria demográfica, resultante dos descobrimentos e conquistas, as pestes e até a emigração (já nesse tempo!) para Espanha, vieram afectar o ordenamento agrário do Portugal Europeu.

Séculos depois, aí por 1678/80 os viticultores queixaram-se da dificuldade de colocar seus vinhos na capital, contra os vinhos doutras regiões nacionais, franceses e espanhóis — importados pela barra do Tejo.

Em sua defesa foi proibida a importação de Castela e da Catalunha.

A situação, mercê ainda, doutros factores, foi-se agravando, com prejuízo da vinha e dos vinhos portugueses, até que, em 1731 a expansão da cultura arrastou uma quebra do preço do vinho.

Prosseguiram, daqui em diante, as grandezas e misérias, as altas e baixas, da vinha e do vinho e a verdade é que, encarada na sua influência social e demográfica, a vinha tem constituído um caso à parte na agricultura portuguesa.»

Em Portugal — verdadeira estrada do vinho — o chão era propício à cultura da vinha, derivando na fabricação do mosto fermentado que resulta em vinhos de quantidade e qualidade por todos os pontos da rosa dos ventos, desde o verde verdasco ao tinto palhete, do carrascão carregado ao fulvo branco doirado.

Pão com olhos; queijo sem olhos e vinho que salte aos olhos.

Nesta qualificação da sabedoria popular, se estabelece o mapa da exuberância vinícula, onde o chão diferenciado da nossa terra apropria um paladar diferente para cada bebida.

Cachos brancos e prêtos e ainda o grau de amadurecimento transformam os vinhos das regiões marcadas. Vinhos verdes e vinhos maduros!

Vinho verde é o agridoce fulvo, saindo do pipo em bolhas fresquíssimas para os canjirões e malgas de barro. É a apoteose das romarias, matando a sêde às bocas vermelhas de amor, no intervalo das cantigas dum arraial vindimário — evoca a paisagem das altas latadas que se enramam pelos arvoredos do Minho.

No mapa descemos e apontemos o Douro, que regista o vinho velho do Porto, cultivado como um canteiro de flores nos alcantis das margens do Rio, unindo Trás-os-Montes e as regiões da Beira. Vai para o mundo inteiro como Sol engarrafado, servindo de embaixador artistocrático, em cerimónias de pompa. Bebe-se com perfume e solenidade.

Nas zonas do interior, terras quentes e frias e limítrofes, apresentam-se outros vinhos dignos. Em Murça, em Vila Real (Mateus), Gatão e Amarante, que variegada e colorida casta enológica!

E logo descemos mais para as serranias beiroas: Pinhel, Lafões, Dão e Bairrada. Espécies para regar pratos típicos do leitão assado, dos salpicões curados ao fumo, das fêveras a chilrear na brasa, acompanhadas das batatas «ao murro», assadas com casca.

E sempre, sempre acompanhando o roteiro, chegamos à Estremadura. Temos o néctar precioso, nas adegas de Alcobaça, onde os monges de Cister foram mestres de boas bebidas. E mais, mais os vinhos de Torres, do Bombarral, os rótulos do Cartaxo, Almeirim, Alenquer. Variados estes e outros que vão à feira de São Martinho, na Golegã, ou no dia de Santos no Cartaxo, a festejar o magusto das castanhas assadas. A vila de Rio Maior marca o ponto de encontro do Norte com o Sul de Portugal. Região privilegiada pela constituição do solo onde a vinha se dá bem. Mas, além da produção, constituiu-se um centro de comercialização à escala nacional, onde convergem vinhos de todas as cores e sabores.

Logo o «Roteiro do Vinho Português» se desvia. Ainda, perto de Lisboa, podemos adquirir os Bucelas, Carcavelos e Colares, nas zonas saloias dos arredores da capital.

Então iremos até Setúbal, Palmela e Azeitão. Videiras de casta especial permitem a fabricação de moscatel — vinho especialíssimo

para acompanhar os produtos piscatórios das orlas marítimas, bem como a queijaria destas localidades.

A estrada risca para o Sul, nas planícies do Alentejo; Campo Maior, Borba, Redondo e Vidigueira, produzem vinhos fortes. Fáceis de beber, quando damos por nós estamos no paraíso da evasão.

Quando os varões se toldam e enebriam nas adegas cheias de potes de barro, é ouvi-los nos corais lúgubres:

Cada vez que vejo vir,
Barcos à meia ladeira,
Lembram as moças de Cuba
E o vinho da Vidigueira.

Descemos mais, mais adiante, até ao Algarve. Este vinho é tão perigoso como uma fala de amor. Bom de beber, tem o sortilégio de cântico lendário duma moura encantada, que em noites de Lua Cheia, vem pentear seus cabelos ao bordo das fontes. Tem qualquer sortilégio agareno. É o vinho da Lagoa, fino como lâminas de punhal de prata.

Vinhos e seus derivados, para todos os paladares e todas as ocasiões.

Próprios para acompanhar a cozinha é uma das nossas riquezas. Bebemos e exportamos. Desta faixa da Ibéria daremos um salto à Madeira, onde um vinho fino tem fama mundial e também nos Açores com outro vinho odorífico, digno de menção.

Portugal, país de vinho, com os melhores do mundo.

Este roteiro de qualidade vinícola é glória e história da nossa terra.

Vinho é trabalho! Ganha-se com suor do rosto, quando se cavam as levas. Os camponeses que surribam têm sempre na frente o seu cântaro de vinho; em festas e feiras o vinho é cantiga e sinal de negócio. Canta-se e bebe-se. Trabalho e festa. Pão e vinho fazem andar o caminho.

Vinho é cantiga. Vinho é poesia!

Poetas portugueses versam as excelências e os êxtases numa teoria lírica que é farândola e transformação em linguagem opulenta e gloriosa, a que o nosso Cancioneiro dá presença.

AZINHAL ABELHO

Meditação poética do vinho

Na tiragem do vinho do tonel para o *casco*, após a venda ao negociante, ocupam-se geralmente três homens: o *medidor* (em regra o dono da adega ou pessoa de sua confiança); o que transporta o vinho para o casco; o *carreiro*, que está de pé no carro em que há-de ir o casco. Quem transporta o vinho para o casco é um companheiro do carreiro, o que raras vezes acontece, sendo então preciso um *môço*. O carreiro recebe uns tantos litros de vinho para beber pelo caminho: metade à custa do vendedor, e a outra à do comprador; como outrora, antes de se usarem os litros, se usavam canadas, chama-se ainda hoje a este acto *dar as canadas*. Se em negócios de vinho, ele não havia de correr a jorros! — Tudo o que digo refere-se ao Cadaval, o que não significa que seja só de lá.

O vinho está correndo do tonel para uma *celha* que se colocou sob a torneira. Então o medidor vai enchendo o almude, mergulhando-o na celha, e despejando-o em seguida num caneco que o moço entrega ao carreiro, para este, por seu turno, o despejar no casco. Observe-se que a palavra *almude* tem duas significações: «medida» (20 litros, isto é, um duplo decalitro, ou, como abreviadamente dizem: um duplo), e «vasilha» (feita de lata). O caneco é de madeira, e por natureza é maior que o almude.

À proporção que o segundo carreiro ou o môço transporta cada caneco para o casco, enumera os almudes, junta uma rima ao número, e repete este no fim d'ela: o que tudo executa cantando. À rima ouvi chamar *remate* ou *arremate*. Os remates são bastante curiosos, e aqui vou dar alguns exemplos que colhi no Peral.

Pois que há poucos cascos que levem quarenta duplos, as rimas chegam só até esse número, quando chegam.

1. *O primeiro é Deus.* — Em regra dizem só isto; mas também ouvi: *Deus é é o primeiro.* || *É bom ter muito dinheiro.* — Muita gente, quando começa um trabalho, sobretudo no Norte e na Beira, benze-se e reza. Assim uma mulher, quando começa a fazer meia; os trabalhadores rurais até às vezes

se benzem maquinalmente com o chapéu na cabeça. Conheço a este propósito uma cantiga popular minhota que começa:

Em nome de Deus, amén,
Padre, Filho e Espírito Santo!

e se canta no princípio de um *desafio* poético. A gente do Sul não é hoje tão religiosa como a do resto de Portugal; mas a rima de que estou falando representa tradição antiga.

2. *Um e um são dois.* || *Quem tem vacas espera bois.* || *Olha os dois!* — Variante do remate: *Quem padece são os bois.*
3. *Dois e um são três.* || *Inda cá volto outra vez.* || *Olha que são três!* — Variante do remate: *Estes vieram da feira das Mercês* (com referência aos bois).
4. *Dois e dois são quatro.* || *Bela carne tem o pato.* || *Olha que são quatro!* — Variante do remate: *Belo arroz é o do pato.*
5. *Três e dois são cinco.* || *Bebo branco* (*sc.* «vinho»), *quando não há tinto.* || || *Olha que são cinco!* — Variantes do remate: *a) É melhor a galinha que o pinto; b) Falo verdade, não minto.*
6. *Três e três são seis.* || *Depois do Natal vêm os Reis.* || *Olha que são seis!*
7. *Quatro e três são sete.* || *Quem não pode não promete.* || *Olha que são sete!*
8. *Quatro e quatro são oito.* || *Não ha bôlo como o biscoito.* || *Olha que são oito!*
9. *Quatro e cinco são nove.* || *Ri-se* (ou *canta*) *o rico, e chora o pobre.* || *Olha que são nove!*
10. *Cinco e cinco são dez.* || *Descansam as mãos e trabalham os pés.* || *Olha que são dez!* — Variante do remate: *Não há homem como Moisés.*
11. *Cinco e seis são onze.* || *É melhor a prata que o bronze.* || *Olha que são onze!* — Variantes do remate: *a) Toca o sino que é de bronze; b) Voa o papel e tine o bronze,* por alusão ao dinheiro que é em notas e em metal.
12. *Seis e seis são doze,* ou *Duas vezes seis são doze.* || *Toca o sino* (ou *os sinos*) *que é* (ou *são*) *de bronze* (cf. n.º 11). || *Olha que são doze!*
13. *Sete e seis são treze.* || *É meia pipa.* — A pipa corresponde ali a 25 almudes. Por ser metade da conta, não se diz muitas vezes remate; entende-se que o número fica assim bem expresso. Outras vezes dizem realmente remate, porém não tenho nenhum exemplo.
11. *Sete e sete são catorze.* || *Bota o pobre* (*sc.* «a esmola») *para o alfôrge.* || || *Olha que são catorze!* — Variante hipérmetra do remate: *Sete para trás e sete para diante, à moda de alfôrge.*

15. *Oito e sete são quinze.* || *O dono da adega é que tem o timbre* (o que, creio, quere dizer generosidade de dar vinho). || *Olha que são quinze!*
16. *Oito e oito são dezaseis.* || *Sou o filho da Maria dos Reis.* || *Olha que são dezasseis!*
17. *Oito e nove são dezassete.* || *Quem quiser palha que a acarrete.* || *Olha que são dezassete!* — Parece que *palha* estará aqui ironicamente por «comida». Cf. uma cantiga popular, em que se fala de *serralha*, e termina assim:

Que é sustento dos homens
Nos anos de pouca palha...

a qual ouvi algures. Também num *jôgo* ou *dança de roda* se canta:

O ladrão do meio | Lá virá o ano
Está preso a uma estaca: | Da palha barata!...

versos que conheço de várias terras, e do próprio Peral. Dizer que o homem come palha é chamá-lo burro. Tão frequente é assimilar por graça o homem ao burro, que na Beira Alta, quando um sujeito passa por outro e não o saúda, este comenta: «Nem sequer me disse: *ó burro, tu queres água?*» Na mesma província, por ocasião de se dar de comer a muitos convivas, por exemplo, jornaleiros, músicos (numa festa), diz o patrão ao criado: o melhor é dar a cada burro sua faixa (entende-se de palha), isto é, sua ração.

18. *Nove e nove são dezoito.* Não ouvi remate especial; creio que se repete o do n.º 8.
19. *Dez e nove são dezanove.* || *Quem padece é o pobre.* || *Olha que são dezanove.* — Em vez d'este remate, também se repete o do n.º 9.
20. *Dez e dez são vinte.* || *Boa carne é a do pinto.* || *Olha que são vinte.* — Cf. a variante 1.ª do n.º 5.
21. *Dez e onze são vinte e um.* || *Não há carne como a do pirum.* || *Olha que são vinte e um!*
22. *Onze e onze são vinte e dois.* || *Anda o carro adiante dos bois.* || *Olha que são vinte e dois!* — Variante do remate: *O vinho melhor vem depois.*

23 a 29. Repetem-se as rimas dos números das respectivas unidades. Ao n.º 25 ouvi porém aplicar esta rima: *Não ha vinho como o tinto*, a qual certamente se emprega também com o n.º 5.

30. *Quinze e quinze são trinta.* || *Não há vinho como o da quinta.* || *Olha que são trinta!*

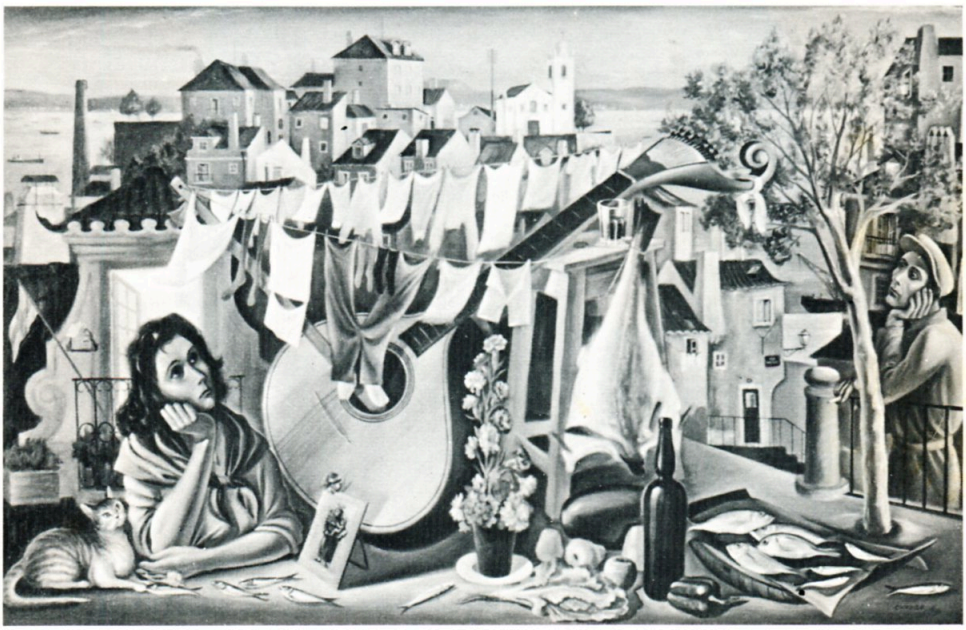
De 31 a 40 repetem-se as unidades nas rimas, como já a respeito d'alguns números vimos acima.

A repetição dos números, alto, faz que eles se fixem melhor na memória, para não haver engano na contagem. As rimas devem ter a mesma razão, ainda que o nosso povo gosta sempre de pôr um pouco de poesia no que diz, como com frequência gosta também de pôr um pouco de sátira. Além disso o canto ajuda o trabalho. Umas vezes as rimas, que ficam transcritas, são despidas de graça, destinando-se simplesmente a produzir efeito acústico; outras vezes dá-se-lhes forma de provérbio, ou até reproduzem expressões proverbiais, como na segunda frase do n.º 22. Em muitas alude-se a dinheiro, a comida e a bebida, ideias que estão sempre presentes ao espírito do povo. Não faltam igualmente alusões à religião, e à vida do campo, ideias que do mesmo modo lhe são muito familiares.

in «Boletim de Etnografia», n.º 4,
dirigido por José Leite de Vasconcelos

«Dia de S. Martinho»

JOSÉ MALHOA



Pintura de Cândido Costa Pinto. «Visão popular de Lisboa» com bacalhau, vinho tinto e fado.

Caneca de Figura. Séc. XIX (col. Dr. Francisco Macedo).

BÍBLIA

Velho Testamento

§ E disse Deus a Noé: Este é o sinal
do concerto que tenho estabelecido entre
e toda a carne que está sobre a
terra.

E os filhos de Noé que da arca saíram,
foram Sem, e Cam, Jafeth; e Cam
é o pai de Canaan.

Estes três foram os filhos de Noé;
e destes se povoou toda a terra.

E começou Noé a ser lavrador da
terra, e plantou uma vinha.

E bebeu do vinho e embebedou-se;
e descobriu-se no meio da tenda.

E viu Cam, o pai de Canaan,
a nudez do seu pai, e fê-lo saber
a ambos seus irmãos fora.

Então tomaram Sem e Jafeth
uma capa, e puseram-na sobre
ambos os seus ombros, e indo virados para trás,
cobriram a nudez do seu pai, e os seus rostos
eram virados de maneira que não viram
a nudez do seu pai.

E despertou Noé do seu vinho e soube
o que seu filho lhe fizera.

E disse: Maldito seja Canaan;
Servo dos servos seja aos seus irmãos:

E disse: Bendito seja o Senhor Deus
de Sem; e seja-lhe Canaan por Servo.

E viveu Noé, depois do dilúvio,
trezentos e cinquenta anos.

BÍBLIA

Novo Testamento

§ E no primeiro dia dos pães asmos,
quando sacrificavam a páscoa, disseram-lhe
os discípulos: A onde queres e que vamos
a fazer os preparativos para a páscoa?

E enviou dois dos seus discípulos,
e disse-lhes: Ide à cidade, e um homem,
que leva um cântaro de água, vos encontrará:
segui-o;

E onde quer que entrar, dizei ao
senhor da casa: O Mestre diz:
Onde está o aposento em que hei-de
comer a páscoa com os meus discípulos?

E ele vos mostrará um grande cenáculo
mobilado e preparado: preparai-a ali.

E, saindo os seus discípulos, foram
à cidade, e acharam como lhes tinha dito,
e prepararam a páscoa.

E, chegada a tarde foi com os doze.

E, quando estavam sentados a comer,
disse Jesus: Em verdade vos digo que
um de voz, que comigo come, há-de trair-me.

E eles começaram a entristecer-se e
a dizer-lhe um após outro: Porventura
sou eu, Senhor? e outro: Porventura sou eu,
Senhor?

Mas ele, respondendo, disse-lhes: É um dos
doze, que mete comigo a mão no prato.

Na verdade o filho do homem vai, como dele está
escrito, mas ai daquele homem por quem o Filho do
homem é traído! bom seria para tal homem não
haver nascido.

E, comendo eles, tomou Jesus pão, e, abençoando-o,
o partiu e deu-lho, e disse-lhe: Tomai, comei, isto é
o meu corpo.

E, tomando o calix do vinho e dando graças, deu-lho;
e todos beberam dele.

E disse-lhes: Isto é o meu sangue, o sangue do
Novo Testamento, que por muitos é derramado.

Em verdade vos digo que não beberei mais fruto
da vide, até aquele dia em que beber novo no
reinado de Deus.

E, tendo cantado o hino, sairam para o Monte das
Oliveiras.

(Século XV)

Anrrique da Mota

LAMENTO

Ay, ay, ay, ay, que farey!
ay, que dores me cercaram,
ay, que nouas me cheguaram,
ai de mym, onde me yrey;
que farey triste mesquinho
com paixam,
tudo leua mado caminho,
poys que vay todo meu vynho
pelo cham.

Oo vinho, quem te perdera
primeyro que te comprara!
oo que nunca te prouara,
ou prouando-te morrera!
oo quem nunca fora nado
neste mundo,
pois vejo tal mal logrado
hum tal bem tam estimado,
tam profundo!

Oo meu ben tam escolhido,
que farey em vossa aussençia!
nam posso ter paçiençia
por vos ter assy perdido.
Oo pipa tam mal fundada,
desditosa,
de foguo ssejas quymada
por teres tam mal goardada
esta rrosa!

Oo arcos porque ssuxastes!
Oo vime de maldiçam,
porque nam tiuestes mão
assy como me ficastes!
Oo mao vilão tanoeyro,
desalmado!
tu tees a culpa primeyro,
pois leuaste o mey dinheyro
mal leuado.

(Século XVI)

Sá de Miranda

CARTA AO SENHOR DE BASTO

Como eu vi correr pardaos
Por Cabeceiras de Basto,
Crecer em cercas e em gasto,
Vi por caminhos tam maos
Tal trilha, tamanho rasto,
Nesta ora os olhos ergui
Á casa antiga e á torre
Dizendo comigo assi:
Se nos deus não val aqui,
Perigoso imigo corre!

Não me temo de Castela
Donde guerra inda não soa,
Mas me temo de Lisboa,
Que ó cheiro d'esta canela
O reino nos despovoa,
E que algum embique ou caia!
Ó longe va, va mao agouro
Falar por aquela praia
Na riqueza de Cambai,
Narsinga das torres de ouro.

Ouves, Viriato o estrago
Que ca vai dos teus costumes:
Os leitos, mesas e lumes,
Tudo cheira: eu olios trago,
Vêm outros, trazem perfumes.
E aos bons trajos dos pastores
Em que saistes ás pelejas
Vencendo tais vencedores,
São trocados os louvores,
São mudadas as invejas!

É entrada pelos portos
No reino crara peçonha
Sem que remédio se ponha.
Ums doentes, outros mortos,
Outro pela rua sonha.
Fez nos a ousada avareza
Vencer o vento e o mar,
Vencer caje a natureza.
Medo hei de novo a riqueza
Que nos torne a cativar.

Penedos sobre penedos
De que as serras cá são cheas,
Vistas se vos fazem feas.
Direis dos vinhos azedos
O que ja disse Cineas
A quem, nos convites dado
A provar se lhe aprouvesse,
Despois, nos olmos mostrado,
Nunca vi (disse) *enforcado*
Quem a forca assi merecesse.

Gil Vicente

PRANTO DE MARIA PARDA

A minha alma encomendo
a Noé e a outrem não,
e meu corpo enterrarão
onde estão sempre bebendo.

Leixo por minha herdeira
e também testamenteira,
Lianor Mendes d'Arruda,
que vendeo como sesuda,
por beber, at'á peneira.
Item mais mando levar
por tochas cepas de vinha,
e hua borracha minha
com que me hajam d'encensar
porque teve malvasia.

Encensem-me assim vazia,
pois também eu assi vou;
e a sede que me matou
venha pola cleresia.

Levar-me-hão em hum andor
de dia, às horas certas
que estão as portas abertas
das tavernas per hu for.
E irei, pois mais não pude,
n'hum quarto por ataude,
que não tivesse agua pé.
O *sovenite* a Noé
cantem sempre a meude.

Diante irão mui sem pejo
trinta e seis odres vazios
que despejei nestes frios,
sem nunca matar desejos.

Não digam missas rezadas
todas sejam bem cantadas
em Flamengo e Alemão,
porque estas me levarão
às vinhas mais carregadas.

Item dirão per dó meu
quatro ou cinco ou dez trintairos,
cantados per tais vigairos,
que não bebem menos que eu.

Sejam deste três de Almada,
e cinco daqui da Sé,
que são filhos de Noé
a que sou encomendada.

Venha todo sacerdote
a este meu enterramento,
que tiver tão bom alento
como eu tive ca de cote.

Os de Abrantes e Punhete,
D'Arruda e d'Alcouchete,
D'Alhos-Vedros e Barreiro,
me venham cá sem dinheiro
até cento e vinte e sete.
Item mando vestir logo
o frade alemão vermelho
daquelle meu manto velho
que tem buracos de fogo.

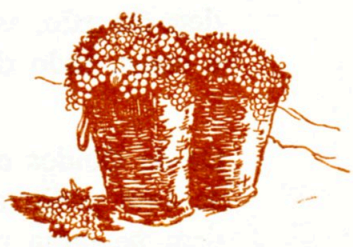
Item mais, mais mando dar
a quem se bem embebedar
no dia em que eu morrer,
quanto movel hi houver
e quanta raiz se achar.

Item mando agasalhar
das orfans estas nó mais
as que por beber dos paes
ficam proves por casar.

Às quaes darão por maridos
barqueiros bem recozidos
em vinhos de mui bôs cheiros;
ou busquem taes escudeiros,
que bebem coma perdidos.

Item mais me cumprirão
as seguintes romarias,
com muitas avé-marias,
e não curem de Monção.

Vão por mim à Santa Orada
D'Atouguia e d'Abrigada,
e à Curugeira sancta,
que me deram na garganta
saúde e peste passada.



Item mais me prometi
nua á pedra da estrema,
quando eu tive a postema
no beiço de baixo aqui.

E porque gran Glória senta
lancem-me muita água benta
nas vinhas da Caparica,
onde meu desejo fica
e se vai a ferramenta.

Item me levarão mais
hum gram círio pascoal
ao glorioso Seixal,
Senhor dos outros Seixaes:

Sete missas me dirão
e os calix encherão,
não me digam missa seca;
porque a dor da enxaqueca
me fez esta devação.

Item mais mando fazer
hum espaçoso esprital,
que quem vier de Madrigal
tenha onde se acolher.

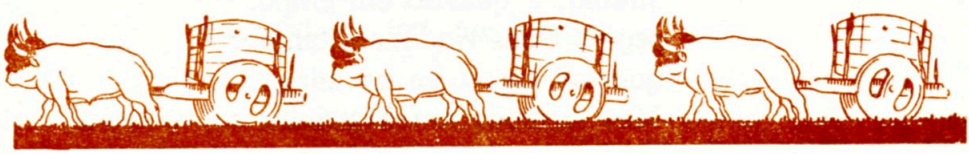
E do termo d'Alcobaça
quem vier dem-lhe em que jaça:

E dos termos de Leirea
dem-lhe pão, vinho e candea,
e cama, tudo de graça.

Os de Óbidos e Santarém,
se aqui pedirem pousada,
dem-lhe tanta pancada
como de maos vinhas tem.

Homem d'Entre Douro e Minho
não lhe darão pão nem vinho;
e quem de riba d'Avia fôr
fazê-lhe por meu amor
como se fosse vizinho.

Assi que por me salvar
fiz este meu testamento
com meu siso e entendimento
que nunca me sei estar.
Chorae todos meu perigo,
não levo o vinho que digo,
que eu chamava das estrelas,
agora m'irei par'ellas
com grande sêde comigo.



Ribeiro Chiado

PRÁTICA DOS COMPADRES

Fernão .....

É falar no escusado
meter a mulher a caminho.
Provaste já o novo vinho?

Vasco — Sim.
Fernão — Como está?
Vasco — Arrazoado:

Vinhos d'est'ano sã verdetes

Fernão — Não lhe choveu;
que vinho tive eu do céu,
a canada de tostão.
Vasco — Tentes d'ele?
Fernão — Já morreu.

Quando homem aí se achega,
adubar, e quando em empo,
peço a Deus vindima a tempo,
que me luza bem na adega.
Mas façamos san Martinho.

Vasco — Todavia, bem sei.
Brázia Machado, mandai cá
um copo com d'esse vinho.

Brázia — Ei-lo vai.
Isabel, leva a teu pai
esse vinho do pichel.
Vasco — Deita no copo , Isabel.
Brázia — Tanto mandar acabai!
Vasco — Ai, da pucha! Que manceba!
Começai com vossos feros!
Mandai cá um par de pêros:
Sobre comer se quer beba.

(Aqui se chega Isabel com o vinho e diz Fernão d'Horta:)

Fernão — A ninguém por bom asseles
a cor está rubicunda.
Quem se nestes vinhos funda
é ruim alveitar deles
todavia tem bom cheiro.
Vejamos sua maneira:
e como sabe a madeira,
vale muito pouco dinheiro.
Assopra de fóra, se abre
Em que está este?

Vasco — Num quarto

Nunca ele porre de parto,
salvo se faz pelojame
mas todavia tem, mau saibo.

Brázia — Por nossa vida!

Fernão — Pardelhas!
Vinho de duas orelhas
assentai que nunca é taibo.
Vasco — Não no acho bom nem mau.
Fernão — Ora tendes bom sojorno.
Tirai vós pelo torno.
Vasco — Não. Senão pelo argan.
Fernão — Olhai-me essa paciência:
com meus d'aquisso afronto!
Perdei-lo de todo o ponto
por parismas e negligência.

(Torna a entrar o compadre)

Compadre — A bom tempo venho eu.
Pró faça.
Fernão — A quem comer.
Compadre — Não sei. Vejo-vos beber.
Vasco — Se bebo, bebo do meu.
Compadre — Como ele fala do papo!

Como vos isso está feio
Como eu logo do alheio?
Avarento como sapo!

Fernão — Ora vós tendes vontade de bradar.
Compadre — Com quem ou quanto?
Fernão — Está meu compadre zombando,
e ele toma-o de verdade!
Compadre — Eu também não estou singelo.
Já má hora andei em paço.
Fernão — Paço? Chamo-lhe baraço,
para quem quiser sofrê-lo.

Viestes à conjunção
a melhor que nunca vi,
que havia de provar aqui
este vinho de Monção.
Compadre — É ele. É tal?
Vasco — O melhor de Portugal!
Compadre — Este vinho está malato.
Vasco — São fundagens de Gil Pato
e vem-lhe parecer mal.
Compadre — Este vinho é Campolida
Fernão — E porque não Caparica?
Compadre — Vinhas vendi eu à bica
que outro melhor nos ride.
Vasco — Tendes vós vinhas mui grandes
e é melhor vender em mosto.
Compadre — Os meus vinhos são de posto
que vos rides de mais flandras.

Camões

Era no seco tempo que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores;
Entra em astreia o Sol, no mês de Agosto;
Bago das uvas tira o doce mosto.

Frei Agostinho da Cruz

SONHO

Aquele que na vinha do Senhor
Trabalha por cavar proveito alheio
Tanto do próprio céu fica mais cheio
Quanto mais do comum foi cavador.

Costuma a pagar divino amor
A quem buscar o quer por este meio
Primeiro, como a quem mais tarde veio,
E tanto como o mais madrugador.

Aqui nesta doutrina claramente
Se ensina por que via, como e quando,
Oferta faz a Deus mais excelente.

Todo o que dignamente comungando
Oferece a Deus Padre omnipotente
Seu filho, sua glória, acrescentando.

(Século XVII)

Bandarra

SONHO

Veio: vejo: direi? Veio;
Veio que estou sonhando
Semente del Rey Fernando
Fazer hũ grande despeio:

E seguir com gram deseio,
E deixar a sua vinha:
E dizer: Esta casa he minha
Agora que ca me sejo.

Jerónimo Baía

RETRATO

Seus olhos rasgados
De avarentos noto,
Pois quanto mais ricos
Tanto estão mais rotos.
São mar de beleza
Que me tem absorto,
E suas meninas
São os meus cachopos.

Dormidos se mostram
Mas sabem (que assombro!)
Mais eles dormidos
Que espertos os outros.
Altamente dormem,
Mas, entre seus sonhos,
Mais que de dormidos,
Roncam de formosos.
Feitos de apanhia
Mistura o seu rosto
Como branco o tinto
De neve entre copos.

(Século XVIII)

Pedro António Correia Garção

DITIRAMBO II

Baco, Elpino, cantemos; dá-me o Brómio;
Oh que bem que ele soa! Eu toco; canta;
Baco, Baco, evoé.
Mas que fazes? Não ouves? Olha, escuta:
O estrépito sonoro
Da confusa Timele.
Não saltas? Não te alegras? Olha, escuta:
Baco, Baco, evoé.
Os olhos tens chorosos; sonolento,
Estúpido e semblante; rubicundas
E quentes as orelhas;
O nariz frio; os braços pendurados:
Cambaleias? Tu cais? Elpino, cais?
Ah! Já sei: os sintomas bem conheço.
Oprime-te a ambrósia,
Nada-te o coração no licor forte,
Que corre em catadupas pelas veias.
Doce Padre Lieo, acode, acode,
Acode ao teu Elpino:
Baco, Baco, evoé.
Vem, vem, é Ditirambo, se as alegres,
Crepitantes Leneas te não prendem,
Se afogado do fumo dos legumes,
Os olhos esfregando as ventas torces;
Vem, vem, qu'eu te prometo
(Por esta taça o juro)
Devoto celebrar as antestérias:
Vem, vem, Baco evoé.

Mas que ouço! Escuta Elpino:
Ouço ao longe ranger os parafusos
Dos cheirosos lagares!
Descendo pelas roscas grita avara:
Bom sinal evoé.
Vejo, por entre chuvas de bagaço,
Um vulto pelos ares vir batendo
Compridas asas; mas não tem cabeça,
Não tem pés, não tem mãos:
Ah! já na terra pousa;
Vamos, Elpino, ver. Um odre, um odre!
Elpino, toma, bebe
O valente elixir que nos restaura
Das passadas fadigas,
Que aquenta os frios membros,
Que faz vermelho o velho descorado.
Que alegra a mocidade,
Que o sono concilia.
Elpino, toma, bebe:
Baco, Baco, evoé.

A. D. Cruz e Silva

HISSOPE

Ao qual o Deão disse: «Hoje um negócio
De ti fiar pertendo de importância;
Mas antes será bom, que ao grande Baco
Algumas libações, como costumas,
Aqui faças». Dizendo estas palavras,
Ordena, que lhe tragam prontamente
Do bom vinho de Borba três garrafas.

O bom luz transportado à sua vista,
Sem fazer-se rogas, logo à primeira,
Às duas palhetadas deixe enxuta:
Muito tempo não passa, sem que prove
Igual sorte a segunda, sem descanso.
Com a terceira investe, largo espaço
O forte campeão entra por ela.

Nicolau Tolentino

tendo mandado uma senhora ao Autor Vinho da Madeira
com uma carta em boa poesia

CARTA

Um humilde admirador
Da vossa bondade, e estilo,
Beija a carta preciosa,
Que veio honrá-lo, e instruí-lo.

Desde hoje, o Mestre Horácio
Minha alma a lição acusa;
Quis a minha Benfeitora
Ser também a minha Musa.

De fino licor mandastes
A minha cava prover;
A vossa mão generosa
Sabe dar como escrever.

À parca mesa assentado,
Em vinho e carta pegava;
Ia bebendo, ia lendo
E tudo me embebedava.

Deixo o velho Anacreonte
Hoje metido a um cantinho;
Sua mesa nunca teve
Tão bons versos, tão bom vinho.

Se os teve, vós os roubastes
Por minha felicidade;
Já cá tenho o vinho e os versos
Quem dele só tinha a idade.

Das escumas da madeira
Vejo nascer a alegria;
Com as asas afugenta
A minha melancolia.

Já se perturba a cabeça,
Já tenho emprestadas cores;
Já começam a esquecer-me
As moléstias e os credores.

O tal Horácio enganou-se,
Não conheceu a parreira;
Não se chamava Falerno;
Se era bom era Madeira.

É bom, mas tira o juízo;
Mandai-mo, em vez de o beber;
Não se arrisque neste jogo
Quem tem tanto que perder.

Bocage

EPIGRAMA

Rechonchudo franciscano,
Desenrolava um sermão;
E defronte por acaso
Lhe ficara um beberrão.
Tratava dos bens celestes,
Proferindo: «Ouvintes meus,
Que ditas, que imensa glória
Para os justos guarda um Deus!
«Falsos, momentâneos gostos
Há neste mundo mesquinho:
Mas no céu há bens sem conto...»
Pergunta o bêbado: — «E vinho?».

Filinto Elísio

DITIRAMBO

"Evohé! Evohé! Eis almagrados
Com o sarro do vinho
Sátiros fulos vem fechando o couce
Dessas orgias; com os pés; com as mãos ferindo
Destampada batuta:
E afadigando os ecos das montanhas,
Com os retinidos silvos surdescentes
Das ríspidas avenas.

Não fico. Vou com Márcia, nova Ariádna,
Enfrascar-me também no mel das cepas.
— Evohé, Padre Baco! —
— Dá-me a mão; dá-me assento aos pés do trono,
— A mim, e a Márcia... Ah! não. Que temo ao vê-la,
— Que a Ariádna infido sejas.

Cá me arrancho com o Aio. Sou, amigo.
— Que, a roncos, nos resfolgas sustenidos.
— Lá vai, de golpe um frasco.
Bebe, oh! Márcia, aos bigodes espumantes
— De Sileno; que tens, se a taça empinas,
— Mais meiga a luz dos olhos.
— Outro frasco de mais não me faz pejo,
— Antes me esperta o fogo das ideias:
— Dispara, a flux, os versos.
— Olha Baco, a me ouvir, que encolhe as Onças
— O...maldito, que ao canto do fio quebras
— Visiteiro importuno!

Curvo Semedo

DITIRAMBO
AO DUQUE DE LAFÕES

«Venha Carcavelos
Siático, Albano,
Mação, Maçagão,
Madeira, Champanha
Falerno
Superno
Ou eterno
Farei no meu canto
Que honrar quero um fausto dia.»

Reverendo Abade de Travanca

OS DEZ MANDAMENTOS DA BÁQUICA BELEZA QUE RESUMEM O BEBER Á PORTUGUESA

O 1.º — Bebe-se por inteiro
O 2.º — Até ao fundo
O 3.º — Como o primeiro
O 4.º — Como o segundo
O 5.º — Fica em meio
O 6.º — É para provar
O 7.º — Para começar
O 8.º — Para não tombar
O 9.º — Para continuar
O 10.º — Para acabar

(Século XVIII - XIX)

Almeida Garrett

SÃO MARTINHO

Rapaz, que barulho é esse de chocalhos
Que me rasca no ouvido?
Que matinada, que barulho é este?
Vai ver, anda, tu ris-te,
E ficas-te! Não ouves? Mudo e quedo
O magano a sorrir-se.
Sabes o que é? — Pois fala, — «O repertório»
Diz o moço «aí'stá».
O Repertório! — Sim, e o Borda d'Água:
Vejamos quem reza.
São... São Martinho... Hoje! isso é impossível!
O São Martinho! E copos,
E garrafas, barris não há em casa?
E eu, rapaz maldito,
Eu co'a barriga empanzinada de água!
Com estas sopas magras!
Eu de dieta!! — Sim, dieta. Oh! Louco,
Oh! parvo que estou hoje.
Pela brecha do caco o pouco resto
Se evaporou da bola.
Nem me lembrava já o tal saltinho
De andante folestria.
Que mal haja mil vezes o primeiro
Que ousou com mão danada

Sobre o espinhaço cavalar singelo,
O atraiçoado couro!
Mal haja esse patau do Dom Quixote,
Ou quem quer que antes dele
A moda introduziu das Dulcineias
E de andar atrás delas!
Mal haja a parva sécia de ir buscá-las
À Foz ou ao Inferno!
E que tenho eu com tais meninas
Ou co seu fazer de anos?
E, se o tinha, não era mais bizarro,
Enfelpudo jumento
De guapa albarda, aperaltado Sancho,
E seu modo aos manteios
De encantada estalagem, teso e crespo
Pela rua Direita.

Mui direito fazer a minha entrada,
Mais falada e brilhante
Que a do Marialva na imperial Viena,
De rédias vedas núncio?
Disse brilhante? — Sim, brilhante, e guapa;
Que a granzinante súcia
Da assubiadora, basta rapazia
Em garotal triunfo
Mui ancho havia acompanhar-me à porta
Da Senhora dos anos.
E os assobios e a risota? — Oh! fossem
Escarros e chapadas,
E não me visse agora assim tão murcho
Almejando garrafas,
Sonhando copos, delirando frascos,
E aí! Tudo, tudo em falso!
Condoei-vos de mim, festiva malta.
Galhofeira caterva
Do vinífero, plácido Mondego

E com piadosas fauces
À saúde bebei (antes por alma)
Do pobre irmão caríssimo
Que chucha cá de longe pelos dedos,
E encarquilhando os beiços
Co alma nos copos que brindais alegre,
De vossos gestos gosa;
E aposentado, inválido chupista
Só folga na taberna.

(Século XIX)

A. F. de Castilho

GEÓRGICAS

Repara... aí te andam pondo
Bacozinhos de barro, às voltas em redondo
suspensos por um fio às ramas de alto pinho:
Parabens! Parabens! e ano há-de ser de vinho!
Cada vide o promete em seu visar fecundo:
as do vale, as da encosta, as do arvoredo fundo,
as de qualquer lugar por onde alegre mira
a imagem sorridente ao zéfiro que a gira.

Dediquemos, pois, a Baco os rituais seus cultos
os cantares que ouvira aos bisavós incultos,
torne-os a ouvir de nós; tornar a aceitar os bolos
nos sacros bandejões, em que usava pô-los.
Pelas pontas se leve, e estaque em frente da ara
O antigo sacro bode; e, qual se lá torrara,
torre-se aqui também, pingando na fogueira,
o deventre da rez no espeto de aveleira.

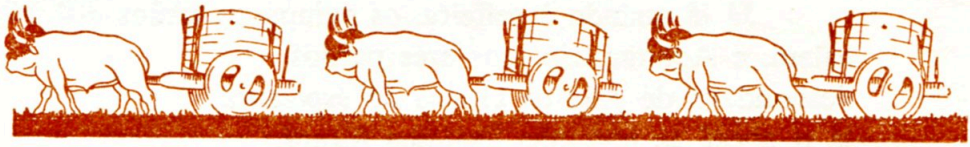
A lida num vinhal absorve o ano e os meses:
o solo há-de-se abrir três vezes, quatro vezes;
desfazer-se os torrões co'a enxada eternamente;
aliviar da rama do bosque, embora gente.
Inda não se acabou, já se principia;
é na roda anual suar de dia a dia.

Já lá quando à ceifeira, os pampanos tardos
caiam, e Aquitar frio, nos ares pardos
desnundava de gala os braços da espessura,
já o abegã se impunha azáfama futura,
prevenindo-o depois, e outro ano aparelhando:
co'o saturneo instrumento as vides chapotando
na vinha já deixada, e tosquiando as sombras,
compondo, endireitando.

Má metido nas obras!
Na cava, no queimar os sarmentos, levados
para longe da mãe, no pôr arrecadados
os paus da ampa em casa, hás-de ser o primeiro
e hás-de ser no apanhar da uva o derradeiro.

Duas vezes por ano as parras excessivas
acometem a planta, e duas em nocivas
hervas bravas se afoga: ambas tarefas duras.
Admira, louva embora amplíssimas culturas;
a tua seja exígua.

Mas de ir colher na mata
as vergônteas do rusco, inda que as mãos maltrata
cortar no rio a cana, e ao salgueiral as varas;
té nesse hás que arranjar inda que não plantaras.
Já tens a vinha atada, a poda feita, e cantas,
cansado, à orla enfim das alinhadas plantas;
mas vai entrar de novo em luta com o terreno
e revolver o pó. Vês o ar limpo e sereno,
e inda estás a tremer que às maduradas uvas
não sobrevenham as chuvas.



Bulhão Pato

VINDIMA

Dantes o lavrador,
Quando vinham rompendo as fulvas primaveras,
E os cachitos em flor,
Quando a vide a frondear trepava como as heras,
Escrevia no outono, ao fim de mil cuidados,
Dias nadando em luz, dias abençoados!

Nem o trigo nas eiras
Nem na várzea o legume, e os frutos no pomar,
Me podiam pagar,
Como o vinho caudal, os gastos e as canseiras.

A castanha a estralar nas brasas do magusto;
Os dandos juvenis descantando e bailando,
Na roda crepitante!... Os pinchéis espumando,
Da picante água pé. Era beber sem susto.

Agora onde é que vai a súbida folia,
Agora o lavrador, vendo que a novidade
Promete a vingar em grande quantidade,
Cai na misantropia.

Talvez seja de mais tanta melancolia.
Custa menos cortar as sobras da opulência
Que viver na indigência!

Enfim... Nesta abundância alegra-se o povinho...
Sobre o pão já lhe vai tanto tributo novo!...
Coitadito do povo:
Alegra os corações o bálsamo do vinho!

Simões Dias

FEIRA FRANCA

Naquele escuro recinto,
Cheio de fumo e calor,
Trocam-se copos d'absinto,
Em plena feira d'amor!

É uma alfurga a taberna;
Em vez de réstea do luar,
Tímida e escassa lanterna
Balanceia-se no ar.

«Margarida, Margarida,
Ao nosso amor bebe lá!
São dois dias esta vida,
Para amanhã Deus dará!»

«Tange-me nessa guitarra
Alguma alegre canção;
Bem vez que o sumo da parra
Não faz mal ao coração!»

«Onde não chegue o alarido
Dos filhos e da mulher,
Já que fui tão mal nascido,
A cantar quero morrer!»

E então Margarida à toa,
Requebrando a voz e o olhar,
Ao som da guitarra entoa
As trovas do lupanar.

E enquanto ali se consome
A minguada féria, além
Morrem crianças à fome
Nos braços da aflita mãe!

João de Deus

A BULHÃO PATO

A Senhora Condessa de Sarmento,
Que é por certo teu conhecimento,
Mandou a meu irmão, que é secretário
Do nosso patriarca,
Um garrafão de vinho: é ordinário...
Não é vinho de marca...
Do Porto ou da Madeira; com franqueza
Mas tomara-o eu sempre assim na mesa.
Restam-me seis garrafas com bem mágoa;
Se o achares fortinho deita-lhe água.

P. S.
Quais seis garrafas, Pato! Estou frenético!
Sabes quantas apurei? garrafa e meia...
Não vale a pena. Saboreia a ideia!
Que ainda é mais poético.

João Penha

A UM ABSTÉMIO

Eu ando, de escudo e lança,
Desde os tempos que lá vão,
Em defesa d'um pagão,
O bom Deus da beberança.

Um bom assumpto me cança,
E esse é belo que mais não,
Pois que um homem beberrão,
No azul dos sonhos se lança.

Se fui amigo do cacho,
Não me ralhes, por quem és,
Pois que a tal respeito, eu acho,

Que vês tu de través:
O papel da água é baixo:
Bebe-o o asno, e lava os pés.

(Século XIX-XX)

Cesário Verde

NÓS (excertos)

Que de fruta! E que fresca e temporã,
Nas duas boas quintas bem muradas,
Em que o sol, nos talhões e nas latadas,
Bate de chapa, logo de manhã!
... ...
Ao meio, a casaria branca assenta
À beira da calçada, que divide
Os escuros pomares de pevide,
Da vinha, numa encosta soalhenta!
... ...

*

Fecho os olhos cansados, e descrevo
Das telas da memória retocadas,
Biscates, hortas, batatais, latadas,
No país montanhoso, com relevo!

Ah! Que aspectos benignos e rurais
Nesta localidade tudo tinha,
Ao ires, com o banco de palhinha,
Para a sombra que faz nos parreirais!

Ah! Quando a calma, à sesta, nem consente
Que uma folha se mova ou se desmanche,
Tu, refeita e feliz com o teu «lunch»,
Nos ajudavas, voluntàriamente!...

Era admirável — neste grau do Sul! —
Entre a rama avistar teu rosto alvo,
Ver-te escolher a uva diagalvo,
Que eu embarcava para Liverpool.

A exportação de frutas era um jogo:
Dependiam da sorte do mercado
O boal, que é de pérolas formado,
E o ferral, que é ardente e cor de fogo!

Em Agosto, ao calor canicular,
Os pássaros e enxames tudo infestam:
Tu cortavas os bagos que não prestam
Com a tua tesoura de bordar.
... ...

*

Todos os anos, que fervor se exala!
Abundâncias felizes que eu recordo!
Carradas brutas que iam para bordo!
Vapores por aqui fazendo escala!

Uma alta parreira moscatel
Por doce não servia para embarque:
Palácios que rodeiam Hyde-Park,
Não conheceis esse divino mel!

Pois a Coroa, o Banco, o Almirantado,
Não as têm nas florestas em que há corças,
Nem em vós que dobrais as vossas forças,
Pradarias dum verde ilimitado!

Anglos-Saxónicos, tendes que invejar!
Ricos suicidas, comparai convosco!
Aqui tudo espontâneo, alegre, tosco,
Facílimo, evidente, salutar!

Oponde às regiões que dão os vinhos
Vossos montes de escórias inda quentes!
E as febris oficinas estridentes
Às nossas tecelagens e moinhos!
... ...

*

Vinha cortada, aos feixes, a madeira,
Cheia de nós, de imperfeições, de rachas;
Depois armavam-se, num pronto as caixas
Sob uma calma espessa e calaceira!

Feias e fortes! Punham-lhes papel
A forrá-las. E em grossa serradura
Acamava-se a uva prematura
Que não deve servir para tonel!

Cingiam-nas com arcos de castanho
Nas ribeiras cortados, nos riachos;
E eram de açúcar e calor os cachos,
Criados pelo esterco e pelo amanho!

Ó pobre estrume, como tu compões
Estes pâmpanos doces como afagos!
«Dedos de dama»: transparentes bagos!
«Tetas de cabra»: lácteas carnações!

E não eram caixitas bem dispostas
Como as passas de Málaga e Alicante;
Com sua forma estável, ignorante,
Estas pesavam, brutalmente, às costas!

Nos vinhatórios via fulgurar,
Com tanta cal que torna as vistas cegas,
Os paralelogramos das adegas,
Que têm lá dentro as dornas e o lagar!

... ...

*

Os fruteiros, tostados pelos sóis,
Tinham passado, muita vez, a raia,
E, espertos, entre os mais da sua laia,
— Pobres campónios — eram uns heróis.

... ...

Tinham corrido já na adusta Espanha,
Todo um fértil plató sem arvoredos,
Onde armavam barracas nos vinhedos,
Como tendas alegres de campanha.

... ...

Só um havia, triste e sem falar
Que arrastava a maior misantropia,
E, roxo como um fígado, bebia
O vinho tinto que eu mandava dar!

*

... ...

Mas hoje a rústica lavoura, quer
Seja o patrão, quer seja o jornaleiro,
Que inferno! Em vão o lavrador rasteiro
E a filharada lidam, e a mulher!

Desde o princípio ao fim é uma maçada
De mil demónios! Torna-se preciso
Ter-se muito vigor, muito juízo
Para trazer a vida equilibrada!

Hoje eu sei quanto custam a criar
As cepas, desde que eu as podo e empo.
Ah! O campo não é um passatempo
Com bucolismos, rouxinóis, luar.

A nós tudo nos rouba e nos dizima:
O rapazio, o imposto, as pardaladas,
As osgas peçonhentas, achatadas,
E as abelhas que engordam na vindima.

E o pulgão, a lagarta, os caracóis,
E inda, além do mais com que se ateima,
As intempéries, o granizo, a queima,
E a concorrência com os espanhóis.

Na venda, os vinhateiros de Almería
Competem com os nossos fazendeiros.
Dão fruta aos leilões dos estrangeiros,
Por uma cotação que nos desvia!
... ...
O que a alegria em nós destrói e mata
Não é rede arrastante de escalracho,
Não é «suão» queimante como um facho,
Nem invasões bulbosas de erva pata.
... ...
«Moléstia negra» nem «charbon» não era,
Como um archote incendiando as parras!
Tão-pouco as bastas e invisíveis garras,
Da enorme legião do filoxera!

Podiam mesmo, com o que contêm,
Os muros ter caído às invernias!
Somos fortes! As nossas energias
Tudo vencem e domam muito bem!
... ...

António Nobre

EXCERTO

Rosas de vinho! abri o cálice avinhado,
Para que em vosso seio o lábio meu se atole:
Beber até cair, bêbado para o lado,
Quero beber, beber até ao último gole.

Conde de Monsaraz

OS BÊBADOS

Os bêbados passam cantando nas ruas
desertas da aldeia...
Recebem contentes ao sábado as jornas,
e vão derretê-las à boca das dornas,
de noite, nas tascas à luz da candeia.

Em chusmas unidos é vê-los no escuro
— que até fazem dó! —
espectros da fome sair das tabernas.
borrachos cantando, cambadas as pernas,
os olhos mortiços e as bocas em Ó.

Um canta em voz alta, respondem-lhe os outros,
e cresce, enche o ar
um coro arrastado, soturno, indolente,
e a alma do povo parece que a gente
a sente cá dentro do peito a chorar!

Trabalham, mourejam de dia, e à noite,
coitados, lá vão
fugidos à gleba, libertos do encinho,
embora haja fome, beber porque o vinho,
alegra e é por isso melhor do que o pão.

Nas praças desertas abraçam-se em grupos,
meu Deus, que tristeza!
E os braços lhes pesam mais leves nos ombros,
que o lenho das dores por esses escombros
dos rudes calvários, nos ombros lhes pesa.

Os bêbados choram nas noites caladas,
cantando em segundas
as queixas doridas, os ais e os lamentos
que às vezes se escutam na leva dos ventos,
na voz, no marulho das águas profundas.

O génio das coisas soluça naquelas
tristezas ocultas,
e os tristes borrachos cantando nas praças,
sugerem tragédias, acordam desgraças
que, ó génio das coisas, na treva sepultas!

Um canta em voz alta, respondem-lhe os outros,
e cresce, enche o ar
um coro arrastado, soturno, indolente,
e a alma do povo parece que a gente
a sente cá dentro do peito a chorar!

António Feijó

NOCTAMBULO

A minha idade respeita,
Sou velho já, meu amor!» —

— «Vinho de boa colheita
Quanto mais velho melhor.» —

«É como a brasa sem lume,
Perde a força, perde a cor...» —

— «Mas tem mais fino perfume,
Mais delicado sabor...» —

«Perfume que não sufoca,
Sabor d'extracto... ilusão...» —

— «O beijo morre na boca,
Raro chega ao coração.» —

«Mas quando chega é mais doce
Que o vinho mais perfumado.» —

— «Talvez te enganes, se o fosse
Tinha o travor do pecado?» —

«Mas ao beber-se inebria;
É como um louco transporte...» —

— «Nos lábios deixa Poesia,
Nos corações deixa a morte!» —

Alfredo da Cunha

INOMINADA

Ninguém menos bebera aquele dia;
Ninguém tanto, como eu, se embriagara;
Pois nunca a vista mais se me apartara
Da radiosa visão que a escandecia.

De teus beijos a célica ambrosia,
A esquisita bebida ardente e rara,
Como em taça que nunca se esgotara,
Da tua a minha boca te sorvia.

E ao erguerem-se trémulos da mesa,
Na face a cor afogueada, acesa,
Turbado é mais o que bebera menos.

De teus lábios sorvera eu doidamente
A doida embriaguez que a outra gente
No vinho achara — bestiais Silenos!

Eugénio de Castro

CANÇÃO DO VINHO DO PORTO

Tu, que hás-de um dia provar-me,
Lê meu rótulo e sorri:
Mil oitocentos e quinze...
Foi o ano em que eu nasci.

«Portugal, se é conhecido
Nas estrangeiras nações,
É por ser a minha pátria
E a de Luís de Camões.

«Torrão que produz tal vinho
E que tal poeta deu,
Não é torrão deste mundo,
É torrão d'anjos do céu!

«Nasci nas ribas do Douro,
Rudes e caniculares,
Onde, no estio parece
Que anda o inferno p'los ares.

«Sob esse calor, o sangue
Das cepas muda-se em ouro;
Que penhas sois vós, que dais
Tal vinho, ó penhas do Douro?

«O que escondeis nas entranhas,
O que é que vós tendes nelas?
Ocultais fulvos tesoiros,
Ou estais grávidas de estrelas?

«Nesse ambiente de brasas,
Foi pesada a minha cruz,
Mas em prémio do martírio
Sublimei-me em cor e em luz!

«Assim me tornei, sentindo
Tonturas bem dolorosas,
Na liquefacção divina
De mil estrelas com mil rosas.

«Oiro líquido p'ra os olhos,
Doirados sonhos desperto;
Jardim d'Abril para o olfacto,
Sou p'ra boca um céu aberto!

«De Chipre o clássico vinho
E a própria ambrósia dos Numes,
Nem aos calcanhares me chegam
Na luz, na cor, nos perfumes!

«Velha Roma, abranda a embófia
Desse teu orgulho eterno:
Ao pé de mim é zurrapa
O teu cantado Falerno!

«Metido nesta garrafa
Por mão sabida e prudente,
Como jóia, fui passando
Pelas mãos de muita gente,

«Até que um dia, por voltas
Da Sorte obscura e secreta,
Vim ter sem saber porquê,
À garrafeira dum poeta.

«Sem saber porquê, não digo,
Sei muito bem porque vim:
É poeta, sou digno dele,
Como ele é digno de mim...

«Sendo poeta, é pai de filhos,
E o que mais no mundo o atrai
Não é ser um grande poeta,
Mas ser, sim, um grande pai!

«Assim já sei onde um dia
Hão-de resplender meus brilhos:
Guardado estou com certeza
P'ra boda dum dos seus filhos.

«Aqui preso há tantos anos,
Sem respirar, arrebento:
Deus faça depressa a boda
E feliz o casamento!»

Guerra Junqueiro

A VINHA DO SENHOR

Existiu noutro tempo uma vinha piedosa
Doirada pelo sol da alma de Jesus,
Uma vinha que dava uns frutos cor de rosa,
Vermelhos como sangue e puros como a luz.

Inundavam-na d'água os olhos de Maria,
E os virgens corações dos mártires e crentes,
Era a terra funda onde se embebia
A mística raíz dos pâmpanos virentes.

Produzia um licor balsâmico, divino,
Que aos cegos dava luz, aos tristes dava esperança,
E que fazia ver, na areia do destino,
A miragem feliz da bem-aventurança.

Aos mortos restituia o movimento e a fala,
Escravisava a carne, as tentações, a dor,
E transformou em Santa a impura Magdala,
Como transforma Abril um verme numa Flor.

Bebê-lo era beber uma virtuosa essência
Que ungia o coração de perfumes ideais
Pondo no lábio um riso ingénuo de inocência
Como o de água a correr, virgem dos mananciais.

Dava um tal explendor às almas, tal pureza,
Que nos circos de Roma até se viu baixar,
Diante da nudez das virgens sem defesa,
Ao magro leão da Núbia o coruscante olhar.

Guilherme de Azevedo

POESIA VI

À mesa do festim, cercada de formosas,
O canto dos cristais e o cintilar dos vinhos
Saudavam juntamente os belos desalinhos
Das galantes visões das ceias luminosas!

Molhavam-se em *champagne* as pétalas das rosas!
E em baixo, a nossos pés, em leves murmurinhos
A gase sobreposta à candidez dos linhos
Erguia-se num mar de vagas caprichosas!

Ali tudo era paz! Nem ódios vis nem zelos!
Os lábios pois limpando às rendas e aos cabelos
Da menos trivial das fadas tentadoras,

Eu brindo aos mortos! — disse: à legião sagrada
Que foi à solidão, à eternidade, ao nada!
— Às almas e ao pudor destas gentis senhoras.

Gomes Leal

NOVA BALADA DO REI DE TULE

Num país nada vizinho...
Em Tule, até mui distante,
Houve outrora um rei farsante,
Um rei amigo de vinho.

Quando sua amante fiel,
Mimosa e cheia de graça,
Morreu, deixou-lhe uma taça
Que semelhava um tonel.

Era tamanha a grandeza
Da taça que nada iguala.
— Ficava sempre, ao esgotá-la,
El-rei debaixo da mesa.

Quase sempre ao lusco-fusco,
De noite, até horas mortas,
Folgava, as pernas já tortas,
Este rei velho e patusco!

Em noite de agreste vento,
Na sua mais alta torre,
Pensando em que tudo morre,
Tratou do seu testamento.

A sua amizade cega
Legava a todos dinheiro.
E a seu filho e seu herdeiro
Seu reino, seu povo... e a adega.

Da sua amizade em prova,
A todos dava uma graça.
Só aquela enorme taça
Levava El-Rei para a cova!

Um dia, os altos barões
Fez juntar, para uma orgia,
Numa sala onde curtia
As suas indigestões.

E ali, depois de libar...
Passados curtos momentos,
Começou a ver, aos ventos,
Os seus castelos dançar.

Assoma, trocando o pé,
De taça em punho, à janela,
Mas nisto tropeça... e ela
Vai levada da maré.

E afunda-se... mas tal revés
Tomba o rei morto de mágoa.
— Era esta a primeira vez
Que a taça se enchia de água!

José Duro

CORES

Roxo — o vinho que bebo, quando me apetece
Cair na sugestão provável d'outras vidas...
O sangue de Jesus, suando-lhe das feridas,
E a miserável dor que tanto me entristece...

João Verde

N'ALDEIA

Nas redondezas deste mês de Agosto
Dispõe a gente p'ra vender saúde;
Basta o aroma dos fenos e este rude
Agro cheiro das uvas e do mosto.

Passa-se o dia só pelas adegas
Na força hercúlea e rija das «pisadas».
Vemos surgir do alto as madrugadas,
Deitar-se a lua nas montanhas negras.

João Saraiva

AUTO DO VINHO DO PORTO OU UMA PARTILHA NO OLIMPO

PRÓLOGO

Baco passa em revista a sua garrafeira;
Pára em detido exame a certa prateleira,
Onde posto a recato um velho «Porto» havia,
E empalidece ao ver uma ânfora vazia.

BACO

— Por Júpiter! roubado! E logo — ó maldição! —
O meu vinho melhor!... Quem seria o ladrão?
Será crível que esteja entre os deuses do Olimpo?
Eis a grande questão que vou tirar a limpo!...

ACTO ÚNICO

(Na Assembleia dos deuses. Sentados em hemiciclo, diante do trono de Júpiter, que empunha um feixe de raios, os deuses observam o rosto consternado de Baco, que acaba de depor a sua queixa.)

JÚPITER

— O caso, amigos meus, resume-se em bem pouco:
É Baco que se queixa, a chorar como um louco,
De que alguém lhe bebeu uma ânfora de «Porto».

BACO

— É uma dor sem alívio, um pesar sem conforto!

JÚPITER

— Pois bem. Eu vou dizer-te, ó Baco, quem bebeu
O divino licor...

BACO

— Ah, vós sabeis?

JÚPITER

— Fui eu!

(Os deuses entreolham-se, estupefactos)

BACO

— Abusais do poder! Mas dizei: que razão
Vos leva a cometer tão injusta agressão?
Temos vivido em paz; mas se esta paz se quebra...

MARTE

(desembainhando o gládio)

— O meu gládio não treme!

BACO

(decidido)

— Eu recorro a Genebra!

JÚPITER

(com grande fleuma)

— O «Porto», a não ser eu, quem ousa pretendê-lo?
Não há vinho melhor, como deveis sabê-lo!
Por ele é que eu deixei o néctar que bebia,
E — o caso é de notar — nunca mais tive azia...

VÉNUS

— Eu prefiro o Champanhe.

MARTE

— Eu, que apavoro a terra,
Reclamo (é o meu direito) as bebidas de guerra!

JÚPITER

— É justo. E tu, Neptuno? Escolhe, ó deus dos mares!

NEPTUNO

— Eu fico satisfeito em tendo à mão Colares.

APOLO

— Eu quero Chambertin.

MINERVA

— Eu, Tokai...

DIANA

— E eu, Xerez!

JÚPITER

— Tu, deusa da justiça, ó Témis, tu talvez,
Queiras Chipre ou Madeira...

BACO

(indignado)

— Isto é de mais! Protesto!

TÉMIS

— Segundo o meu costume, ó Jove, eu levo o resto!

JÚPITER

(levantando-se para encerrar a audiência)

— A partilha está feita; Amigos, tenho dito.

BACO

(erguendo os braços num apelo desesperado)

— E a mim, o deus do Vinho, o nume favorito
Do Homem, que na terra o meu culto celebra,
Que me deixais ficar?

JÚPITER

(imperturbável)

— Disseste-o já: — Genebra!

Alberto Osório de Castro

NIGRA SUM

Ó cheirosinhas a nardo,
Caroucha me haveis de achar,
Cor das tendas dalgum bardo
De cabreiros de Kèdar.

Sou trigueira, mas formosa,
Filha de Jerusalém.
Não tem moça mais airosa
El-Rei Salomão no harém.

O sol pôs-me tisnadinha.
Como a uva já pintada
A meus irmãos eu guardava
No ardume do sol a vinha.

A modos que dum queimor
Fiquei como que afrontada.
Ai! Saltaram-me à latada,
Vindimaram do melhor.

António Sardinha

CAIR DO OUTONO

Últimos cachos. Festa das abelhas.
O inverno já lá vai devagarinho!
As folhas, entre secas e vermelhas,
Despedem-se de nós num torvelinho.

Quere a paisagem disfarçar as gelhas,
— Outubro lhe as disfarça com carinho.
Porque é que tu, Outubro te assemelhas
Aos tísicos morrendo de mansinho?!

Componho, recolhido, o meu poema...
Últimos cachos. Na agonia extrema,
Como é que tu, Outubro, assim te animas?!

Celebra o meu poema o fim da tarde
E enquanto ao alto uma estrelinha arde,
Eu fico-me, suspenso, a ver dar rimas...

Afonso Lopes Vieira

AS ÁRVORES

Que beleza de gesto
O das árvores todas, ofertando
Tudo o que têm!

Seu coração magnânimo e modesto,
Tão obscuro e tão bom, tudo está dando
Com sorrisos de noiva e carinhos de mãe.

Setembro, com seu carinho,
Abre o regaço cheio de produtos:
Dá-nos a força rubra e ardente do vinho,
E a graça luminosa,
Essa luz saborosa,
Que perfuma e que aloira a polpa clara dos frutos.

Na postura das coisas se descobre
Este esforço gigante e humilde: a criação...

Uma cepa de vinha é uma mãezinha pobre,
Consumida e torcida da aflição,
Que sofreu e penou, chorou, obscura,
Passou dias de luto e de amargura
E se fartou de chorar,
Para poder criar,
Contra a sanha da geada e do escalracho,
O seu filho jovial e perfumado — o cacho!...
... ...

Augusto Gil

O ALEGRE SILENO

Era uma vez um sileno
Membrudo e atarracado
De largo carão moreno
E passo bamboleado.

Apesar de tão grotesco
— Pernas arqueadas e toscas,
Chato nariz simiesco,
Alta pança toda em roscas.

Lindos olhos amarelos
Luziam-lhe como centelhas
Sob um alpendre de pelos
À laia de sobrancelhas.

Sempre a boca distendia
Num claro geito de rir,
Fosse de noite ou de dia,
Acordado ou a dormir.

Nessa alegria incontida
Tinha razão de maior.
Sorrindo, a pouca da vida
Leva-se muito melhor...

Ora o pançudo sileno
Num setembrio vendimeiro
Do céu brunido, sereno,
E morno sol prazenteiro

Ouviu de ouvidos atentos,
Em tropel de leves patas,
Uma récua de jumentos
Trepando por entre as matas.

E, mal para aqueles lados
Alerto voltou o rosto,
Viu os burros carregados
Com odres de vinho mosto.

À frente dos asnos ia
Um confiado rapaz
Que presto e lesto subia
Sem se voltar para trás...

E o sileno, de mansinho,
Chegou-se à última besta,
Tirou dois odres de vinho
E fugiu para a floresta.

Lá na parte mais cerrada
Sopesou um odre, os dois,
E numa dupla vezada
Bebeu um, outro depois...

Diminuida a sede ingente
(Só dois odres! Achou pouco...)
Deu um arroto improvente,
Um trovão ondeante e rouco.

Tombava-lhe a baba em fio
E aos bordos foi-se deitar
No musgo fofo e macio
Dum atraente lugar.

E de olhos de sono imersos
Pensou da mesma maneira
Que eu penso destes meus versos!
— Oh! que grande borracheira.

Virou o carão moreno
E pôs-se a admirar de borco.
Quem bebe como um sileno
Fica a dormir como um porco...

Que ensinamentos obriga
Este comprido arrazel?
Bebam, mas pouco. A barriga
Não é odre nem tonel.

Se acaso alguém se habilita
A premiar meu conselho
Mande-me uma garrafita
De Porto antigo — do velho...

Uma, duas, mesmo três
Mas vigoroso maná.
Doutro bebam-no vocês,
Que zurrapa tenho eu cá!

Paulino de Oliveira

A VINHA

De rojo, à superfície,
Seja pela planície
Desafogada e vasta
Ou seja pelos serros de alcantis
Como os répteis, se alastra e arrasta...

Rompem-lhe o corpo a cepa informe e tosca
Logo aleijado;
Depois todo se torce e dobra e enrosca
Ofídio rastejante disfarçado.

Assim nasceu mal regeitada e rude
E vive e medra assim quando desnuda
Contorcionada e de doridos ares
Em que há, ao mesmo tempo riso e esgares...
Raro subindo, em muros, nas latadas,
Raro trepando ao alto de alpendradas
Parreiras,

Cólo no chão
Mordendo no chão
De rojo
Crescem e enfolham
As humildes videiras.

E as vides vêm em turba-multa
De hastes, esguias, hastes suplicantes
Que se intrincam e torcem ansiantes
Como quem só na dor se alenta e exulta.
E como não bastando o excesso de nascença
A contosão de dor da natureza imensa
Logo vem o sofrer dolorido das podas
Amputando e cortando-as quase todas...

E outros braços nascem, e carregam, rebentam,
De borbotos e folhas, de afofada fartura
De uma tenra frescura
E na cor, e na forma, no esconder da desgraça,
Da violência que em gestos despedaça,
Já novidade passa
Nova e humilde ternura.

Emiliano da Costa

DIONISÍACA

Domingo. Povo. A casaria brilha.
Homens com cintas, e mulheres de bioco...
Vendas abertas: todo o vinho é pouco
Ante a sardinha estiva ao ar da Ilha.

Em canastras a uva maravilha.
Montanheiros brutais jogam o truco.
Moscatel! quem não há-de, pelo suco,
Dar o sinal vermelho da manilha?!

As pipas rebolaram pelo solo.
Uvas de sol — Dionísio e Apolo. —
Ressumam cachos, abrem-se as torneiras.

A luz deslumbra nas paredes, crua...
E dos quintais transborda para a rua
A carcajada franca das parreiras!

Cândido Guerreiro

SONETO (excerto)

No Algharb as vinhas são jardins de Hespéria:
Com as vindimas deste fim de Agosto,
Pisada a uva e ao transbordar do mosto,
Abelhas zumbem numa boda aérea.

— Tens sêde, meu amor? Toma-lhe o gosto
E em ditirambo espírito e matéria,
O Sol há-de cantar-te em cada artéria
E há-de rosar-te a palidez do rosto.

António Corrêa d'Oliveira

VINDIMA

Belo tempo, o da vindima!
De cestos, dornas e escada,
De enforcados em latada,
Pelos carretos acima.

À noite, o «bordão e a prima»;
Caninha Verde bailada,
Nas pisas de lagarada,
Entre uvas de rima em rima.

Negra como o inferno a adega!
A candeia, quase cega,
Mal nos batia no rosto.

— «Olá João! Eh! António...
Eram sombras de demónio
Em chamas de vinho mosto!

João de Barros

ROMARIA

O sol e o céu
— O céu azul, o sol ardente —
Tecem um candente, sufocante véu
Sobre a terra doida de calor e gente!
Tangem as guitarras, cantam as cigarras,
Tangem as guitarras...
Há descantes novos sob as verdes parras,
Há namoros novos, há beijos sensuais
Sob a rescendente sombra dos pinhais!
Olha os lábios frescos dessas raparigas:
Apetece a gente dar-lhes mordidelas...
Cheiram à resina, sabem às espigas
E às maçãs maduras...
Andam braços fortes já em volta delas,
Sob os seus braços vergam as cinturas,
Vergam as cinturas, enrijando os seios...
E suspiros, risos, confusões, enleios.

Beijos e olhares
— Tudo em torvelinho —
Sobre a feira alegre fervem como vinho,
Como ferve o mosto dentro dos lagares!
O sol vibra, vibra como um pregão novo
Pelo espaço fora!
Endoidece e queima, resplandece e cora
As faces trigueiras com seu beijo claro.
Dá sede às gargantas, dá calor ao povo,
Ao povo contente, barulhento, hílaro!
Ofuscante, bate sobre a casaria,
Tira raios d'oiro, chispas mais vermelhas
Dos trajes berrantes, das bandeiras velhas
Que o vento desfralda sobre o adro branco!
Põe nos corpos moços força e alegria,
Alma de bailar!
Traz saúde ao sangue, luz a cada olhar,
Ilumina o cego, faz dançar o manco,
A ninguém permite sestas ou repouso,
Nem cavar a terra, nem guiar o arado!...
E é no céu sem nuvens o continuado
Eco luminoso
Da fanfarra heroica sacudindo o ar!
Só dentro da ermida, simples e caiada,
Que sol veste e doira desde a madrugada,
Há, soturnamente, sempre noite e frio!
Frio onde se espraiam gritos e lamentos,
Noite que se estrela do clarão sombrio
Dos círios nevoentos...
Mas que importam círios
E lamentações?
Preces onde gemem ânsias e martírios
De flagelações?
O que importam rezas para a romaria
Que redemoinha,

Ser vistosa e clara, vivida e sadia?...
Haja vinho às pipas, danças, gritarias,
E nos corações
Sangue adolescente em que o desejo espume,
Doce como um beijo, quente como o lume!...
Colham nos silvados as amoras bravas
Dando às bocas novas o maior sabor!
Cantador, repete versos que cantavas
Em veladas longas de saudade e amor...
Venham rosas rubras para as namoradas,
Cravos de papel,
Lenços de cor viva, grandes arrecadas...
Tragam as violas, comam o farnel
Sob o freixo verde, junto à fonte pura...
E depois na dança, com desenvoltura,
Cada par cantando, que se enlace bem,
Que se não separe no maior tropel,
Que se abrace e beije sem o ver ninguém
— Para que à noitinha,
Sob a luz que desce, castamente emane
Duma luz honesta,
Toda a explosão doida deste povo em festa,
De apetites rudes, nunca satisfeitos,
Seja o grito enorme da volúpia humana.
Da paixão latente,
A sair dos lábios, a cantar nos peitos,
Criadoramente!
Para que os abraços por detrás das sebes
Sejam mais estreitos,
E melhor confundam vidas palpitantes,
Corpos ofegantes,
Bocas murmurando
Aos ouvidos dóceis o indomado cio!
Para que só velhos durmam hoje, quando
Já os galos cantem, já desmaie a lua,

E, num sopro frio,
Fuja do céu alto, negro e que flutua
Sobre aquelas vastas, agitadas bodas...
Do céu onde morrem as carícias todas,
A ansiedade imensa desta multidão...
Do céu que, saudoso do calor fugido,
Oiça com ternura,
E repita ao longe
— Cálido pregão —
O grito que sobe pela noite escura,
Calma e nupcial,
O suspiro fundo desta primavera
Que se espalha, doido, cresce, e reprimido,
No erguer de vaga, num tremer de chama,

— Como se já fosse quase que o vagido
Duma raça nova que o Destino espera,
Duma raça alegre que o Futuro chama!

Fausto Guedes Teixeira

AS VINDIMAS

Que lindo tempo, o tempo das vindimas,
Quanta alegria e quanta agitação!...
Os cachos d'uvas aos montões, em ruínas
Bem menos pobres de que as minhas são.

P'los verdes campos, que em redor diviso,
Cantando as raparigas e as crianças,
Sob um sol d'oiro, como o seu sorriso,
Cortam os cachos cor das suas tranças.

Na voz daquela as inflexões mais ternas,
No rosto desta a expressão mais calma,
As saias curtas mostram-lhes as pernas,
Os lindos olhos mostram-lhes a alma.

Os seus vestidos duma côr berrante,
Vermelhos, roxos, verdes, amarelos,
Dão ao longe, uma mancha extravagante,
Sempre agitada como os seus cabelos.

Corpos curvados sob o Sol ardente
E as almas, como o corpo, em pleno dia,
Dos trabalhos do campo, este é somente
Aquele que se faz com alegria.

Ninguém tem fome. Deus é uma certeza.
Vão-se as penas que a todos nos consomem;
O céu azul sorri à natureza,
Sorri-se a natureza para o homem...

Na casa, ao alto, dominando a vinha,
Abre o lagar as portas gloriosas,
Sob uma alegre e fresca varandinha
Por onde sobem perfumadas rosas.

E no grande armazem todo caiado
Como oferta de Baco aos seus fiéis,
Vêem-se em linhas dum e doutro lado,
As carcaças bojudas dos tonéis.

Rapazes fortes vão saindo em bando,
Cestos vazios, com cansados gestos,
Enquanto, em fila, os outros vão entrando,
E despejando no lagar os cestos.

E ensinam-me os seus nomes musicais:
Das uvas, sobe um hálito fragante...
Moscatel, malvasia e alicante,
Ferral, alvarelhão e quantos mais!

Tornam-se a ouvir, de novo, as raparigas,
Por entre os brados, onde a vida espalho,
Cantando em coro as cândidas cantigas
Com que o povo alivia o seu trabalho.

E em cada canto nosso, outro responde
Da estrada, agora e logo, ao som de palmas,
Dos que vão e voltam não sei p'ra onde,
Fazer vindimas e encantar as almas.

Quando se põe o Sol, tudo repousa;
É solitário todo o campo agora,
Depois da ceia os homens vão p'ra pousa,
Pisar as uvas pela noite fora.

Parte um sinal; Dá palmas a assistência
E os lagareiros, numa arremetida,
Põem-se a esmagar os cachos em cadência,
De braço dado, como vão na vida.

Que gritos, que efusões, que borborinho,
À débil luz das pálidas candeias!...
Dir-se-ia que, em vez de sangue, é o vinho
Que já lhes corre pelas largas veias.

Mas, de repente, acaba-se a algazarra:
E, dentre um grupo, canta um rapaz novo,
Com muitos ais, ao som duma guitarra,
As lindas quadras, que só tem o povo.

Da colheita passada, em grandes jarros,
Passa de mão em mão, o vinho em roda;
Aos que trabalham dão-se-lhe cigarros,
E dança em torno, aquela gente toda.

A festa acaba à meia noite em ponto;
Nos outros dias voltam ao lagar,
Até que, finalmente o vinho pronto,
Ele entra nas vasilhas a cantar.

É colhido por tanta moça linda,
E por tanto rapaz forte e perfeito,
Ele conserva nos tonéis ainda
Toda a satisfação com que foi feito.

Acácio de Paiva

BAGUINHO DE UVA, QUE FICASTE PRESO

Baguinho de uva, que ficaste preso,
Por inútil na cepa vindimada
A ti, pobre aleijão, valor do nada,
O meu culto mais doce e mais aceso!

Porque sozinho, tímido e indefeso,
Não te abrigou a sombra da ramada,
Nem resististe aos golpes da geada,
Passam à tua beira com desprezo!

Os teus irmãos ditosos, muito em breve,
Renascem, noutra vida triunfante
De riqueza, de força e de alegria,

E tu continuarás à chuva e à neve,
Baguinho de uva morta, semelhante
À minha alma tão seca e tão vazia!

Foges, porquê? Repara nas gavinhas,
Aquelas a que o povo chama «abraços»:
Prendem-se, apertam-se em teimosos laços
E espalham-se às centenas pelas vinhas.

Se isto se dá nas cepas mais vizinhas
Que há-de ser entre nós, que temos braços?
Lembra e decora alguns formosos passos
Do poeta gentil das criancinhas...

E o cacho? Pois não vês como achegados
Se encontram nele os frutos, de tal jeito
Que julgamos que um só madureceu?

Unamos alegrias e cuidados,
Sem que eu saiba se bate no seu peito,
Filha, o meu coração, ou se é o teu!

Vinho! Coragem, nervos, luz, amor,
Vida, perfume, cor, encantamento!
Eu bem te quero desde o nascimento,
Eu te idolatro em fluio, em fruto, em flor!

Como não hei-de abençoar a dor
Das uvas, abençoar o esmagamento,
Se nos dão por milagre o estonteamento,
Vinho, sangue de Deus Nosso Senhor!

Vinho de Portugal! Chegar-te aos lábios
E nesse instante afugentar as penas,
Antegosar os páramos divinos!

Que desgosto os estúpidos dos sábios
Não me deixarem nem provar-te apenas,
Porque me fazem mal aos intestinos!

Afonso Duarte

VERSOS DA MADRUGADA

Manhã de sol caindo aos silvos na água!
O dia rompe a cantos de epopeia:
Aço de enxadas a bater em frágua,
Luz orquestral a que o Verão semeia.

E p'lo sinal da luz amanhecente,
Sol-nosso, o povo reza, Avé-Maria...
Doa-se à Terra e aos Céus por toda a gente
O terrível pagão do claro dia.

E ao Sol o povo manteando o monte!
Até as pedras deitam flor e fruto!
— Ouço em eco meus versos no horizonte...

Ó dor e amor! Ó Sol da manhãzinha!
Canções da gente rude, se as escuto,
Eu mesmo cavo e sou quem poda a vinha!

Teixeira de Pascoaes

A MINHA ALDEIA

Setembro da abundância...
Velhice que parece nova infância.
São Miguel das vindimas, Sol divino,
Negros frutos do néctar purpurino.
Ó sangue vivo em flor,
Pintando as mangas da camisa ao lavrador
E os seus lábios que ficam a sorrir...
Lagares a ferver, vermelha espuma a abrir,
E que bom cheiro a mosto,
Luz de perfume, espírito, embriaguez,
Esparso e alado gosto,
Almas de Bacanais, em sombra de palidez.

Camilo Pessanha

SONETO

Encontraste-me um dia no caminho
Em procura de quê, nem eu o sei.
— Bom dia, companheiro — te saudei,
Que a jornada é maior indo sozinho.

É longe, é muito longe, há muito espinho!
Paraste a repousar, eu descansei...
Na venda em que poisaste, onde poisei,
Bebemos cada um do mesmo vinho.

É no monte escabroso, solitário.
Corta os pés como a rocha dum calvário,
E queima como a areia!... Foi no entanto

Que chorámos a dor de cada um...
E o vinho em que choraste era comum:
Tivemos que beber do mesmo pranto.

Florbela Espanca

VOLÚPIA

No divino impudor da mocidade,
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,
Num frémito vibrante de ansiedade,
Dou-te o meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...
A nuvem que arrastou o vento norte...
— Meu corpo! Trago nele um vinho forte:
Meus beijos de volúpia e de maldade!

Virgínia Vitorino

VINDIMA

Nodosa, maternal, a cepa rude
Levanta ao colo um trémulo tesoiro;
E na doçura dos seus bagos de oiro
Tem guardada a ilusão que tanto ilude...

Tudo em breve cairá, no sorvedoiro
Dum lagar negro; e almude sobre almude,
Como água prisioneira num açude,
O mosto há-de ferver, pisado e loiro.

Depois, cada videira vindimada
Lembra um soldado que tombou na guerra
Sem perceber a glória da jornada,

Mas vai, findo o torpor em que se encerra,
Florir, à Primavera renovada,
Todos os sonhos que bebeu na terra.

Fernanda de Castro

OUTUBRO

Roxa e fulva a paisagem tem a graça
dum desenho moderno, recortado...
O vinhedo espreguiça-se cansado
sobre a terra morena, ardente e baça.

Pelas encostas vai secando a massa
das cepas nuas, cor de mel coalhado,
e em cada vide arruiva-se um braçado
de cachos tenros que o folhedo enlaça.

É meio-dia. O Sol cai lá de cima,
sobre a faina violenta da vindima,
como limalha de metal ao rubro...

E toda a terra: as árvores, as vinhas,
as moças, os trigais, o céu, as pinhas,
tomam a cor do cobre, a cor de Outubro.

Américo Durão

AMANTE

Setembro. Calma. O Sol é um grito rubro
Na harmonia do céu azul cobalto.
Na tua musical voz de contralto
Cantam manhãs de Abril, tardes de Outubro.

Vindima... Sob os pâmpanos descubro
Cachos de oiro, que ao teu desejo exalto!
Chamo por ti, erguendo as mãos ao alto.
Corres... E és, como o Sol, um grito rubro!

Vens alegre e corada como as brasas.
Depois, num voo, — as tuas mãos são asas! —
Ergues um cacho de oiro à boca em sangue.

Solta-se ao vento o teu cabelo de seda...
Uma volúpia acre me embebeda,
E une-te a boca à minha boca exangue!

Nas vindimas

Imagem da Virgem do Restelo

Imagem de São Baco na igreja em Benavente.

Um Deus pagão transformado em Santo do Catolicismo.

Fernando Pessoa

ODE

Não sou vinho, mas nele o olvido, deito
Na taça; serei ledo, porque dita

E ignora. Quem, lembrando
Ou prevendo, sorrira?

Dos brutos, não a vida, senão a alma,
Consigamos, pensando; recolhidos

No impalpável destino
Que não espera nem lembra.

Com mão mortal elevo à mortal boca
Em frágil taça o passageiro vinho,

Baços os olhos feitos
Para deixar de ver.

António Botto

CANÇÃO

Bendito sejas,
Meu verdadeiro conforto
E meu verdadeiro amigo!

Quando a sombra, quando a noite
Dos altos céus vem descendo
— A minha dor,
Estremecendo, acorda...

A minha dor é um leão
Que lentamente mordendo
Me devora o coração.

Canto e choro amargamente;
Mas a dor, indiferente,
Continua...

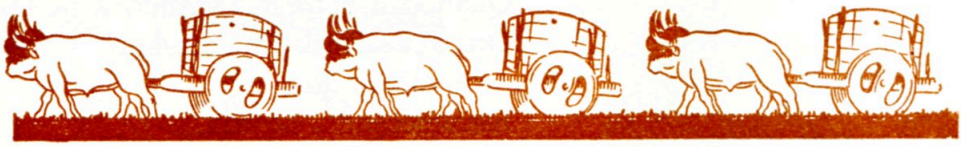
Então,
Febril, quase louco,
Corro a ti, vinho louvado!
— E a minha dor adormece,
E o leão é sossegado.

Quanto mais bebo mais dorme:
Vinho adorado,
O teu poder é enorme!

E eu vos digo, almas em chaga,
Ó almas tristes sangrando:
Andarei sempre
Em constante bebedeira!

Grande vida!

— Ter o vinho por amante
E a morte por companheira!



(Século XX)

Adolfo Casais Monteiro

BEBEDEIRA

Alonga-se a rua longa
Diante dos pés já tortos
E as distâncias do costume
Avolumam e encolhem.
De cada lado da rua
As casas tentam cair
Contorcem-se em arremedos
De coisas que desconheço
Passam dum lado ao outro
Em elipses mal traçadas
E ousam tomar aspectos
Duma pintura cubista!

José Régio

ESPÍRITO

Porque uma gota a mais caiu na Taça,
Rasgo-me e ranjo como um violoncelo.
Mas procuro exprimir-me... e eis que o novelo
Só por ser inexprimível me ultrapassa.

Rola e rebola a bola à baixa praça,
Da baixa praça espincha ao sete-estrelo!
Pairo, ao ver-me ora ignóbil ora belo,
Mas o ser visto ainda me embaraça.

Mais vinho! A gota a mais foi-me incompleta.
Mais! e todo eu crepito, e seja chama
Que lamba traças, expressões, fronteiras,

Ou Cá Lá baile em plena estéril meta,
Ou me atire a dormir em qualquer cama,
Curtindo ininterruptas bebedeiras!

Miguel Torga

ODE A BACO

Vou-te cantando, Baco!
Não pela colheita de hoje, que é pequena,
Mas pela de amanhã, muito maior!
Vou-te pondo nos cornos estas flores,
Que não querem ser líricas nem puras,
Mas humanas, sinceras e maduras.

Vou-te cantando, e vou cantando o sol,
A terra, a água, o lume e o suor,
Vou erguendo o meu hino
Como levanta a enxada o cavador!

Lá nesse Olimpo em geios,
Único Olimpo etéreo e em que acredito,
Aí me prosterno, rendo e te repito
Que és eterno,
Mais do que Deus e mais do que o seu mito!

Beijo-te os pés — os cascos de reixelo;
Olho-te os olhos de pupila em fenda;
E sabendo que és fauno, ou sátiro, ou demónio,
Sei que não és mentira nem és lenda!

Diónisos do Douro!
Pêlos no púbis como um homem,
Calos nas mãos ossudas!
E bêbado de mosto e de alegria,
À luz da negra noite e do claro dia!

Cachos de alvarelhão de cada lado
Da marca universal da natureza!
Ela, roxa e retesa
Como expressão da vida!
A beleza
Sempre no seu lugar, erguida!

E folhas de formosa pelos ombros,
Pelos rins, pelos braços,
Por onde a seiva rasga o seu caminho.
E a cabeça coberta
De cheiro a sémen e a rosmaninho!

Modula a sensual respiração
Do arcaboiço fundo do teu peito
Uma flauta de cana alegre e musical.
E é humano,
Quanto mais és viril e animal!

Eis os meus versos, pois, filho de Agosto
E dos xistos abertos!
Versos que não medi, que não contei,
Mas que estão certos,
Pela sagrada fé com que tos dei!

Francisco Bugalho

FEIRA

Cheira a vinho.
E há poeira e cantos
No caminho.
Folhas de loiro e sol de oiro,
A fabricar quebrantos
Nos olhos das raparigas...

E, a aquecer a coluna vertebral,
Nos bailados ardentes das ciganas,
— Com o feitiço fatal
Daquelas saias de roda!... —
Serpenteios nervosos de animal,
De embebedar aquela gente toda!...

Senhores!... — diz o cego chagado,
De olhar parado,
Sentado no chão.
— *Senhores, dai esmolinha,*
Pelas vossas alminhas,
A este pobre cego, vosso irmão!
E continua a longa ladaínha:
— *Pelo Santo Nome de Cristo!...*

Cheira a vinho.
E há poeira e cantos
No caminho.

— *Lavrador, olhe pra isto!* —
Canta o cigano, montado em pobre, velho cavalo.
No olhar pérfido, fundo,
— Noite negra à luz de archote —
Tem os caminhos do mundo,
Este último D. Quixote.
Dá vontade de aclamá-lo!...
Cheira a vinho.
E há poeira e cantos
No caminho.

Fausto José

EM LOUVOR DO VINHO

Vinho, celeste ambrosia
Que referve no tonel,
Mais puro que a luz do dia
Mais gostoso do que o mel!
Vinho, celeste ambrosia,
Contigo não há tristeza:
És como um sol que alumia
Por toda a roda da mesa!
Sem ti,
Como que n'alma faz noite,
Nem tem lar a que se acoite...
Mas contigo,
Vinho, celeste ambrosia,
Toda a mágoa e dor se esquece,
Que contigo, é sempre dia!

Carlos Queiroz

EX-LIBRIS

Todos bebem o seu vinho,
De qualquer modo, — mesmo os que não bebem:
Porque também é vinho o que concebem
Para esquecer o caminho.
A Poesia, é o meu vinho;
— Que importa o que os outros bebem?!

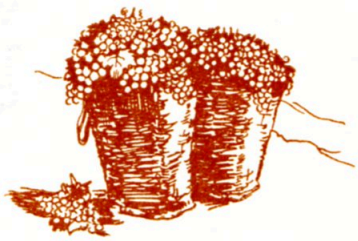
António Pedro

POEMA (excerto)

Ài quem me dera,
Assim,
Envolto em rosas, no linho
Dum luar imaginado,
Boiar...
Ficar, perdido sozinho,
Quimera de morte ou vinho,
Por sobre as coisas deitado
Como o ar!...

António de Navarro

POEMA XXI



Todo vestido de lua
E de cravo na orelha,
O luar vem da romaria
Pela estrada poeirenta e velha.

Foi sol e vinho,
Agora canções e segredos...
Ah! quanto caminho
Não abrirá, e quantos enredos
E filhos não dará à terra!

Canções e segredos
Que o luar espalha, e aonde erra
Quanta lágrima e suor!...

Ah! luar de amor,
Luar de festa
— Escrevendo no caminho
Tantos poemas,
Tantos enredos
Depois do sol e do vinho.

Saul Dias

LEGENDA

Queremos vinho e fel.
Desprezamos o mel, as ambrosias
Somos surdos às brandas melodias.
Maltratamos as rosas do jardim.
Mas queremos o cravo de papel
Que enfeitiçou os nossos moços dias.
E guardamos a fita de cetim
Que abraçou uma tarde os seus cabelos.
E caminhamos, sós, nas noites frias
E batemos às portas dos castelos.

Manuel Bandeira

PORTUGAL, MEU AVÔZINHO

Grande muro de ternura,
Feito de três continentes!...
Ai mundo de Portugal,
Gente mãe de tantas gentes!

Ai Portugal de Camões,
Do bom trigo e do bom vinho,
Que nos deste, ai avozinho,
Este gosto misturado,
Que é saudade e que é carinho.

Armando Cortes Rodrigues

A TERRA

Quando a primeira pancada
Mordeu, num sopro de vida,
C'o duro ferro da enxada
A Terra inda adormecida,

Logo esta desesperada
Chorou por ver ofendida
Sua carne desprezada
Tão cruelmente ferida.

E logo disse: — Senhor,
Que profunda é esta dor
Que me rasga o coração?

Respondeu-lhe Deus, sorrindo:
— Tua dor, num sonho lindo,
Será vinho e será pão!

Sebastião da Gama

BACO

Andava por ali o deus das Uvas.
Por trás de cada cepa se ocultava.
Tinha os pés disfarçados em raízes
que prendiam a terra virilmente.
Tinha os olhos nos cachos reflectidos.
E a firmeza das parras acusava
que escondiam seu sexo omnipotente.

João Cabral do Nascimento

VINDIMAS

Ide colher os frutos dessa vinha
Que ardem ao sol! Luzentes cachos de uvas
Pretos, semelham jóias de viúvas...
Ide colher, maduros, à tardinha.

Fruta para merendas de rainha,
Ide-a colher antes que venham chuvas
Se tinge as mãos calçai as mãos de luvas,
O dia foge, a noite se avizinha.

Olhai-me sempre. Desse olhar derive
Toda a harmonia, toda a confiança
De que se nutre só a minha esperança.

Ambos nós temos faina de vindimas
Que assim é a vida e cada qual a vive:
Vós a buscar uvas e eu as rimas.

Vitorino Nemésio

FESTA REDONDA

Os Altares é casamento,
Os Biscoitos, vinho novo,
Raminho, festa de igreja,
A Terceira pão e povo.

Ribeira Sêca, molhada
De leite e de vinho novo,
Minha galinhinha branca,
Minha cevada! meu ovo!

Alcatra, confeitos, vinho,
Enchei o meu coração,
Que faz mais barulho ardendo
Que um tambor de folião!

Nas terras que meu pai lavra
Não quero trigo nem linho:
Quero rosas, quero festas,
Quero uvas, quero vinho.

Padre, veste-te de roxo
E tu, meu bem de viúva!
Seca, vinho, que a minha alma
É como chão que deu uva!

Os toiros e as vacas enchem-me;
São cá meu vinho... e a viola
É aquela bagaceira
Vermelhinha que consola!

Pidi-lhe um caneco de áuga,
Deu-me logo vinho branco;
Limpou cu seu avental,
Pra me assantar, um banco.

A bagaceira luzia
Como pedrinhas de anel;
O brabudo era mais fresco;
O pasto parecia mel!

Meu primo Chico Maria;
Maioral do meu concelho,
Alfenete de oiro puro
Como vinho de verdelho!

Meu primo Chico Maria!
Nas tuas pipas de vinho
Cabia o mar de Biscoitos
E o povo de Raminho...

Meu primo Chico Maria,
Dono de Agualva e Fontinhas!
Dizei-me se lá do Céu
Tendes saudades das vinhas...

E vós, pexuga e Martins,
Que a aguardente escavaçou,
Anjos da pele do diabo,
Pexinhos que Deus levou!

Ti Pão Leve, Jão Guiné,
Jão Grande, Chico Gaguinho,
Meus parentes arredados,
Meu sangue, meu pão, meu vinho!

Rebelo de Bettencourt

EM LOUVOR DO VINHO DE CHEIRO

Cantigas que ouvi a Chico Terra numa festa, pela matança de um porco.

O vinho da minha terra
Não tem rival e parceiro:
Sabe a frutas, cheira a flores,
Chama-se vinho de cheiro.

É um vinho abençoado
O vinho da minha Ilha.
É vermelho como o sangue,
É da cor do sol que brilha.

Sangue da terra, dás vida
Aos arraiais e folias!
És a graça das cantigas
Nas tardes de romarias.

Tu tens as bênçãos dos céus
Nestes sagrados torrões.
Nas festas do «Espírito Santo»
Fazes parte das «pensões».

«Pensões» de carne de gueixo,
De pão e massa sovada.
— Se faltas, vinho de cheiro,
A «pensão» não vale nada!

O vinho da minha terra
Deve beber-se a preceito:
— Um copo para provar,
Depois três ou quatro a eito.

Bastou-me um copo de cheiro
Para afirmar sem detenças:
— Este vinho é da Caloura
E cura sete doenças!

Fui à matança dum porco...
Foi uma festa de estalo!
Se os torresmos eram bons,
O vinhão era um regalo!

Quem faz anos nesta casa?
Diga lá, compadre, diga!
P'ra fazer uma saúde
E botar uma cantiga!

Que direi do sarrabulho
Temperado com pimenta?
— Não tenho medo ao diabo,
O petisco é que me tenta!

Provei também das morcelas,
Que estavam mesmo um primor.
— Comadre, por muitos anos,
Com a graça do Senhor!

Na cozinha armou-se um balho,
Co'as moças todas dancei.
Um balho mais animado
Nem no palácio do Rei.

Ó tocador da viola,
Toca com alma o «Pèzinho»!
Menina, seja o meu par,
Não me deixe aqui sozinho!

Senhor mestre da viola,
Toque a «Chamarrita» agora,
Toque tudo o que souber,
Não esqueça a «Bela Aurora»!

Haja alegria, rapazes,
Pois a alegria é riqueza:
— É como o sol nas alturas,
É como o pão sobre a mesa!

O meu coração, menina,
Veja lá pra que lhe deu:
Anda a ver se dá um pulo
Pra ficar junto do seu!

Vinho bom da minha terra,
És um vinho sem senão:
Dás alegria a quem bebe,
Não és um vinho brigão!

Não houve zangas nem bulhas,
Tudo correu com agrado.
À despedida, confesso,
Inda provei do «abafado».

Andou-me a cabeça à roda,
Nem sei mesmo se a perdi...
Não do vinho que tomei,
Mas duns olhos que lá vi!

Ó vinho da minha terra,
Como és bom, leal e nobre!
— Se vais à mesa do rico,
Também tu vais à do pobre!

António Alves Martins

LEOMIL

Terra de Leomil, por mim guardada
Em lembranças de vales, tão serena;
Em lembranças de serras, indomada!

A primeira e nocturna cantilena
De carros a chiar, cheios de pó!...
O primeiro silêncio com a *Pena!*

Primeiras falas com a tua alma, só!
E co'a primeira *Chula,* á tarde ouvida,
A primeira lembrança de *Ginó!*

Chula de Leomil, *Chula* batida,
Já não és a alegria do *Outeiro*
— De que saudades andas tu vestida?

Ah! *Ginó,* ao morrer foi teu coveiro;
— *Chula* de Leomil, foste o tesoiro
Da sua estranha voz de caminheiro!

Em Setembro, de tardes que eram oiro,
De vindima em vindima, fez de ti
Eco da Beira-Alta sobre o Doiro.

Celestino David

HINO DO VINHO

Vinho! Clarão! Rubi de sol que animas!
Da pobre ermida às grandes catedrais
Sangue de Cristo e vida que iluminas
De aroma e luz os templos imortais!

Vinho que tonificas e dominas
O mal na terra, a dor nos hospitais;
Que dás aos pobres as graças repentinas,

E energias, e forças virginais!
Bendita seja a graça que destilas
Na límpida tristeza das pupilas,
Que reflectem o mal de todos nós!

Que seja eterno o dom do teu perfume!
Alegria que canta e que resume
A líquida canção da tua voz!...

Marques da Cruz

SANGUÍNEA DO LAGAR-DE-VINHO

Vai uma alegria enorme
pelo lagar,
porque, entre tanta maltesia,
de riso alvar e disforme
não há ninguém que se zangue,
que as uvas, em remoinho,
jorram vinho...
e o vinho é sangue...

Lá vem a dorna!
Que belo porte!
E, logo, em mangas de camisa,
e de calção de rude corte,
a malta salta alegremente,
torna e retorna,
pisa que pisa
salta que salta
num bródio forte,
que exalta a gente.

Parece arraial pagão,
com belos trajes,
trajes garridos
(gosto aldeão),
arraial em duras lajes
onde há cachos tão sentidos
inda cheios de ilusão.

Bagos grandes, pequeninos,
juntos, aconchegados,
fazem beicinhos,
numa triste intuição;
mas, depois todos pisados,
(morta já toda a ilusão)
jorram sangue, sob os pés...
— e o lagar fica então de lés-a-lés...

**

E a maltesia disforme
remexe a massa e se anima,
com rudes cantos, conforme
as usanças da vindima:

— Eh! rapaz, o braço estica,
solta a bica do lagar!
Sangra o vinho! Como fica
às fincas, a espadanar!

É fragosão, é bastardo,
carrascão! boa sangria!
Oh! que mosto tão galhardo!
Viva toda a companhia!

O vinho é sangue de Cristo,
cristão é o português:
— só precisa de registo:
dois dedos de cada vez...

Cá a gente faz bom mosto,
pisando uvas pelo chão:
— sempre o beijo tem mais gosto
a seguir a um beliscão.

Os noivos são mascarados,
e a máscara é de papel:
— cai a máscara aos bocados
durante a lua-de-mel...

Fazem lembrar os casados
dois bois um carro puxando:
— começam desencontrados,
mas, depois, vão acertando...

Ó compadre chegadinho faz, faz,
Ó compadre chegadinho fez, fez:
— O bom tempo da vindima
dura pouco mais de um mês.

**

O sol, entre a poalha de oiro lindo,
e entre laivos purpúreos de tristeza,
foi-se meigo, das coisas despedindo
como um pintor boémio com certeza.

Mas ia mesmo já desfalecendo,
num adeus carinhoso à terra, à vida,
e não cumprira o seu dever, fazendo
ao meu lagar, em sangue, a despedida.

O sol entra pela janela, a jeito,
lançando um beijo às uvas formidando,
entrando em cada bago, em cada peito...

E, boca aberta, as uvas assustadas,
bêbadas se ficaram acenando,
em rúbido remoinho ensanguentadas...

Acácio Leitão

DOURO

Douro, o rio entre penhascos
Salta, corre, pára, cai...
Serpenteando entre montes,
Como que aturdido vai...

Nos montes das margens sobem,
Gigantesca escadaria,
As vinhas que darão pão
Ao povo, para cada dia.

Primavera, rio abaixo
Descem barcos carregados,
Velas enormes, levando
Os doces vinhos doirados.

Cardoso Marta

QUADRAS

Para a adega de um amigo

Feliz o bom bêbado
Que segue antigos conselhos
Porque o vinho alegra os novos
E dá sempre força aos velhos.

Basta só reparar nisto
Para dar ao vinho classe
Não quis outra coisa Cristo
Que o seu sangue recordasse.

Com igual fervor constante
Tua mão colige e agrega
Bons livros, na tua estante
Bons vinhos na tua adega.

E ainda há gente que deseja
Água, e ao vinho não liga!
Pois por melhor que ela seja,
Faz criar rãs na barriga.

Não sei quem inventou isto,
Mas foi dito que ficou:
«Se o vinho é sangue de Cristo»,
Bem haja quem o matou!

Come alguém uma azeitona
E bebe-lhe um decilitro;
Vem outro, cheira o caroço
E empanzina meio litro.

Tudo que azéda é estragado
E toda a gente o regeita.
Só o vinho é exceptuado:
Mesmo azedo se aproveita.

Disse-me assim um vizinho
Que comigo dava à trela
— Só em dois casos bebo vinho:
À comida e fora dela.

De vida sábia e sem perda
Melhor exemplo não topo
Que um livro na mão esquerda
E na mão direita um copo.

Com esgare de fera brava
E co'a trunfa em desalinho
Já o bom Noé gritava
— Não deitem água no vinho.

Silva Tavares

QUADRA

Quadra popular sem rimas
E baile sem raparigas,
É Setembro sem vindimas,
É vindima sem cantigas.

Américo Cortez Pinto

O FESTIM

Uns atrás de outros, impertinentes,
(Que estranho mundo de fantasmas tão dif'rentes!)
Ei-los que surgem aos encontrões
No perturbado Mundo Interior...
Uns a puxar por mim aos repelões,
Outros suaves e aliciantes
Com falsos gestos de amor...

Uns severos, irados,
Desvairados,
Outros grotescos, histriónicos...
E os mais trágicos de todos — quem diria! —
Os fantasmas irónicos
Da alegria...

Insinuam-se gentis,
Com doces falas, música nos gestos,
Promessas de oiro, subtis,

E o riso
De quem traz dentro das mãos o Paraíso
E é só pedi-lo que é pr'a nós também...

Ah! Como são amigos! Quem não há-de
Abrir tranquilo a porta...
Sentá-los à sua mesa!
Beber o vinho ácido às canecas
E entorná-lo perfumado
Com manchas de rubim sobre as toalhas!...
E olhar as nódoas sobre o linho,
A sorrir,
Sem saber distinguir
Se é sangue ou vinho!

Quebrar as taças e julgar que o ruído
Das lágrimas cortantes das estilhas
São risos claros de cristal...

E coroar a fronte no banquete
Com as coroas de rosas que nos dão,
Sem perceber que as rosas caem, ficam espinhos...
E à saída
Acompanhá-los pelas ruas a cantar,
E deixar-se arrastar
Indefeso e sozinho,
Como se fosse ao cabo do caminho,
Ali mesmo o Céu aberto...

E agradecer-lhes iludido
E vê-los construir p'ra nosso bem
As fantásticas miragens do Deserto...

E ao acordar, ver-se perdido,
No árido isolamento,
Do intérmino areal...

A miragem desfeita como um fumo!...
E pra o regresso ao lar,
Um Céu sem Sol nem Estrela Polar...
Uma bússula doida!...
E um chão de areia, sem rumo!...

E partir e sofrer,
E ao cabo, enfim,
Chegar
Exausto, ao lar...
E não ver mais que os restos do festim...

O pão alvo, espezinhado...
A golpear-nos as mãos, taças partidas...
As bilhas entornadas no sobrado...
Cinzas no chão! Lume apagado...
As flores emurchecidas...

O doce leite derramado e agre...
E em vez de mel:
— Favos de cera e fel
E o vinho nos cristais trocado por vinagre!

E através das janelas e dos vidros partidos
Da nossa alma,
Sentir numa agonia,
A sacudir-nos, a risada dos fantasmas
Cruel e fria.

Pedro Homem de Melo

CANÇÃO VERMELHA

Aquela mão que me estende
Tantas taças de cristal
(Brancas? rubras?) é que entende
Por que rezo e rezo mal...
Vinho branco, vinho tinto,
Vai a vós a minha prece!
Quando bebo é porque minto.
Quem não mente, não esquece.
Ó nuvens do dia a dia!
Ó ameaças do mar!
Ó volúpias dessa orgia
Com as contas por pagar!

Campos Figueiredo

VINHEDOS

Vinhedos... e o luar caindo na folhagem
Calma das árvores em torno.
Uvas pretas, por entre folhas verdes
Da vinha ao luar do chão e do silêncio
Olham a terra e os céus, como olhos sem meninas.

Longe, ao fundo tranquilo da planície,
Uma fogueira acesa
Abre, na noite, a estrada das cantigas
Dos ralos e dos grilos.

Mais longe, da cabana dum pastor,
Sobe um toque dorido de bosina.
No céu amplo ressoa a noite, como um búzio.

Rodrigo de Mello

VINDIMA

Moscateis — pepitas d'oiro —
e alicantes rosados
(mamilos de cortezãs)
Tesoiro
dos ubérrimos valados
e Sol das nossas manhãs!
... ...
Precoce aroma de mosto,
sangue de Nosso Senhor...
... ...
E as uvas morrem por gosto
às mãos coradas d'amor.
Rancho Sádio
de alegres vindimadores!
Cantigas ao desafio
(que a terra é musa dos pobres...)
Por poucos cobres
gratos labores.
A vinha é linda!
Tão linda!
Campo de algas e coral...
E a moça é linda!
Tão linda!
Rija como uva-ferral
mas mais docinha do que ela!...
Os seus olhos fazem mal...
Têm essa cor de canela
das filhoses do Natal.

... ...

As vides são cadelas doloridas
A quem roubam os filhos da ninhada

... ...

A dorna vai pejada
de cachos, que são vidas.
Os bois são filósofos cismáticos,
apáticos
sem emoção.
Goteja sangue a dorna. É uma ferida!
E eles de alma dormida,
ruminam a ração...
Chia o carro. E o boieiro
de calças arregaçadas,
pernas nervosas onde o vinho alastra,
faz, p'lo caminho, um cálculo interesseiro:
— «Menos uma canastra!
Não dá para as despesas e massadas»... —

... ...

Já fica ao longe a fazenda.
É como um formigueiro o pessoal
e os lenços d'elas fundem-se na renda
do folhedo outonal.
Com mais aquela dorna ficou cheio
o lagar.
As abelhas são bagos de permeio
co'os outros, a brilhar.
E os cachos, planturosos, acamados
naquele lagar beirão,
têem um ralo d'álcool.
Mutilados
que agonizam, coitados,
a um sol de fim-de-verão
como eles, loiro e pagão!

Mário Lyster Franco

VINHO ALGARVIO

Forte, espesso e corado! Sinto-o bem
Percorrer-me a garganta e contorcer-se
Em minhas veias, penetrar-me o ser
Sem que possa vencer-lhe a arrogância,

O poderio, o que ele tem de egrégio,
O que o torna viril, o que me invade
E entontece, o que de mim se evola
Me eleva ao céu e faz cair de rastos.

Como eu estou tonto, riu e me esbracejo.
Não tenho a que me agarre e só desejo
Que tudo danse forte em meu redor.

Vejo-te duplicada em minha frente
Corres em volta. Onde estás tu? Ó gente!
Vinho algarvio, ó sortilégio! Amor!...

José Rodrigues

PALAVRAS DE LOUVOR AO VINHO

O vinho canta! Ninguém
Põe de parte o vinho novo...
Cheira a mosto e cheira bem!
Quanta alegria não tem
O riso que vem do povo!

Todo o vinho é profecia!
Olha aqueles namorados
Vindimiram todo o dia
E agora vão à porfia,
Aos beijos, muito abraçados...

Vinho! Saudade linda
Numa taça de cristal
Que foi cheia e canta ainda
Aquela balada infinda
Por terras de Portugal.

António Cabral

VINDIMA

É muito simples uma vindima!
As mulheres
Falam alto, cortam as uvas,
Fazem de comer e sonham, sonham muito.
Os homens
Andam com os cestos às costas, assobiam,
Baralham as ideias, assobiam,
Pisam as uvas, envasilham
E dizem: pró ano será melhor.

(No ano seguinte é a mesma coisa).

Ramiro Guedes de Campos

«COCK-TAIL»

Deita na taça esguia o vinho fresco
Da tua inquieta mocidade:
Vinho meridional de sabor romanesco
E não sei que aromática ansiedade.
Depois, mistura, gota a gota, ao vinho
A citrina acidez do teu instinto;
Da humilhação do teu viver mesquinho
Faz destilar o amargo absinto.

Junta-lhe, em limpidez de água lustral,
De puro amor um breve gole.
Faz com que à taça de cristal
Possa vir a prender-se uma réstea de sol.
Deita-lhe ainda — verde «Kirsh» —, o fel
Do teu obscuro isolamento;
E o conhaque também da dúvida cruel
Que sobreexcita o pensamento.
E ainda o «whisky» da ambição que te devora,
E, embora a taça leve só ínfimas doses,
Ainda o «champagne» do prazer na hora
Maravilhosa das apoteoses!

Mas junta-lhe também o licor do despeito
— Sabem melhor os mostos mais antigos —
E não te esqueça o álcool feito
Da ingratidão dos teus amigos.
Deita-lhe finalmente a linfa escura
Do teu desfeito coração vazio;
Junta-lhe finalmente a água pura

Das tuas tristes lágrimas em fio;
E, para que não sintas a derrota
Que deixa sempre um travo que não passa,
Lança-lhe o gelo do orgulho — e esgota
Duma só vez a cristalina taça.

CANTO BÁQUICO DOS GOLIARDOS

Séc. XIII – Da Carmina Burana

Traduzido e recriado por

David Mourão-Ferreira

Quando estamos na taberna
nem do mundo nós cuidamos:
só o jogo nos interessa,
só nele nos empenhamos.
E o corpo é de quem o peça
se com dinheiro o pagamos!
Se assim fazes o pedido,
de certeza que és ouvido.

Há quem jogue, há quem beba,
quem decência tenha pouca;
e quem do jogo regresse
às vezes sem trazer roupa;
outros ganham novas vestes;
outros somente uma trouxa...
Ninguém teme aqui a morte,
mas a Baco pedem sorte.

Bebe-se o copo primeiro
por esse que paga o vinho;
e mais dois, pelos prisioneiros;
três, depois, pelos que estão vivos;
quatro, pelas irmãs dos mesmos;
por seus cavaleiros, cinco;
seis pelos cristãos todos juntos;
e sete, pelos fiéis defuntos;
oito pelos frades descrentes;
nove, pelos monges vagantes;
dez, pelos que são pretendentes;
mais onze, pelos navegantes;
doze, enfim, pelos penitentes;
e treze, pelos restantes...
Mas pelo Papa e pelo rei
sem medida beberei.

Bebe o dono deste prédio,
bebe a dona da taberna;
bebe o laico, bebe o clérigo;
bebe aquele, bebe aquela;
bebe o lento, bebe o lesto;
bebe o moço, bebe a velha;
bebe o firme, bebe o vago;
bebe o rude, bebe o mago.

Bebe o pobre e o enfermo;
bebe o triste e o desterrado;
bebe o loiro e o moreno;
bebe o patrão e o criado;
bebem grandes e pequenos;
bebe o deão e o prelado.
E por isto, e por aquilo,
bebem cem e bebem mil!

António Porto-Além

QUARTETO

Do cepo duma vinha tu nasceste
Como Baco do fundo duma dorna...
Tanta vez que nos meus braços renasceste
Como vinho na taça que se entorna!

António Manuel Couto Viana

ELEGIA

Foi em Setembro, em pleno odor do mosto:
Trouxeram a toalha d'alvo linho
Que lhe enxugou e desenhou o rosto,
Não em sangue, mas vinho.

Deu-lhe o lagar o derradeiro leito
(Perto, calou-se a voz duma guitarra!)
E vieram lançar sobre o seu roxo peito,
Quatro folhas de parra.

Ébria, a terra enlaçou seu corpo moço e frio
(Tombavam bagos d'uva sobre a cova!).
Mais tarde, maternal (vinha a chegar o Estio),
O devolveu ao sol, numa videira nova.

Mário Dias Ramos

VINHO/VINHO

De aroma é tua estrutura
não estrutura palpável mas
odor emancipado, um odor
desmascarado

Pela lisura do copo ou
a brancura do vidro, um
vidro que transparece tanto
a cor como o odor,

Um odor que se repete, não
na taça mas no copo, um
corpo desenvolvido,
corpo hebraico,
adormecido entre Senir e Hermon.

Manuel Alves

VIDA AIRADA

Forte bêbada apanhei
Este Domingo passado!
Deram as bruxas comigo
Achei-me em casa deitado!

Vocemecê, senhor vinho,
Não lhe admito chalaça!
Nem se meta com quem passa
Quando eu passar sozinho!
Nem que tombe no caminho
Que eu não o incomodei!

Foi você que eu bem o sei,
Que em Outubro, a vinte e três,
Por coisas que você fez
Forte bêbada eu apanhei!

Chegando ali ao Valinho,
Ao bacelo do Migalha,
Eis que uma perna me falha,
Logo ali perco o caminho!
Vou e meto de focinho,
Caio dentro dum valado...
E ali fico espernegado
Sem me poder levantar!
Passei a noite a dançar
Este domingo passado!

Vou para me erguer, não podia,
(Esta é que foi menos má!)
Dizem as pernas: vá lá...
Mas a cabeça não queria!
Era asneira que fervia...
Conversava só comigo,
Quando me levanto e sigo,
Meto por um rio fora...
Que há-de ser de mim agora!
Deram as bruxas comigo!

Tão pouco fazer-me mal
Foi o que eu admirei!
Na porção que eu calculei,
Quinze quartilhos e tal!

Mas o bruxedo infernal
Cerca-me por cada lado,
Sou por elas agarrado,
Trazem-me de canto em canto,
Só às três horas e tanto
Achei-me em casa deitado!

Amândio César

VINDIMA

Fileiras verdes e verdes, paralelas,
Onde os cachos baloiçam com brisa:
Depois de vindimados, vem a pisa
Em tardes longas, quentes, amarelas.

Os cestos vindimeiros são lavados
Para receber o oiro da terra;
O cansaço que quer gritar não berra
Quando, cheios, vão nas costas alombados.

E o carro lá no alto aguardando
Enquanto o formigueiro humano vai subindo,
E os que foram carregados estão vindo,
Os que não foram — calados — estão chorando.

Caem os bagos e os cachos na arregaça,
A boca sêca morde os mais maduros
— Ah, sóis danados, terrenos batidos e duros,
Onde a sede atormenta e nunca passa!

Voz que se ergue e a cantiga salta,
Aqui ou além outra lhe responde:
Não digas desde quando, nem aonde,
Porque não é o cantar que nos faz falta.

Voz que se ergueu, voz que se calou,
E o tempo correndo ao devagar:
— Oh dia, acaba! que eu quero-me deitar
(Debaixo das estrelas, meu amor já se deitou.)

Deuses pagãos acicatando o corpo
Que o sol queimou pelo dia adiante:
E tudo enorme, feio ou já distante,
Quando o sangue, de velho, já está morto.

Uma a uma, as fileiras são mondadas
Dos cachos loiros, maduros — Que beleza!
Até ao ano, Mãe-Terra, Natureza,
Vinhas do Douro, no Douro vindimadas!

Júlio Evangelista

EM LOUVOR DE SÃO MARTINHO

Comprei castanhas assadas,
Uma caneca de barro
Que mandei encher de vinho,
E esta noite, no meu quarto,
Inda que esteja sozinho,
Vai haver lá festa rija
Em honra de São Martinho.

Saudades da minha terra,
Ai não volteis, por favor,
A perturbar a alegria
Que é devida a este dia!
Saudades do vinho verde,
Do vinho verde que é bom,
Vinho verde que é vermelho —

Vermelho ou branco enfeitiça —
E até o senhor Abade
Bebe aos domingos, na Missa!

Ai não volteis, por favor,
Saudades da minha terra!
Da grande Feira dos Santos,
Com barracas de comidas
E bebidas,
Cestos cheios de pericos
E de castanhas cozidas
Que se comiam à vinda
Da grande Feira dos Santos.

(A Julinha também era
Mesmo da cor dos pericos
que se vendiam nos Santos;
A Julinha era a mais linda
Morena lá do lugar.
Mas teve um dia um namoro
E o povo dizia coisas
Que eu não quero acreditar.
Agora está em Lisboa —
Dizem que veio servir.
Veio servir pra Lisboa!: —
Pobre Julinha morena
Mesmo da cor dos pericos...)

Feira dos Santos em Passos
No dia 1 de Novembro!
Passos pertence a Cerdal
E é uma terra de ladrões
Que saíam à noitinha
No pinheiral do Tuído.

Mas ninguém se lembraria
De andar com medo aos depassos
Em dia tão escolhido!

Ai este mês de Novembro
Na minha terra do Minho
Abraçadinho à Galiza! —
Com este verão, um milagre
De um Santo que é São Martinho
E o Outono nos oferta
Para matarmos saudades
Do rubro Agosto passado.
No primeiro, são os Santos
E a grande feira anual;
No segundo, são as Trocas,
Segundo dia de feira
Também no sítio dos Santos
Freguesia de Cerdal;
E a 11 é São Martinho:
No calendário é outono,
Verão na realidade,
Dia de sol e saudade
Nas terras do alto Minho.

Ai não volteis, por favor,
Minhas tristezas tamanhas!
Ai não volteis, eu vos digo!
Mas se vierdes, então,
Também ficareis comigo
Para a festa desta noite.
Por isso comprei castanhas,
Uma caneca de vinho,
E esta noite no meu quarto,
Inda que esteja sozinho

Com esta minha saudade
E as minhas recordações,
Vou lá fazer festa farta
Em louvor de São Martinho.

Vasco Reis (Reis Ventura)

ROMARIA

Um Vinhateiro
(conduzindo num carro de bois, uma pipa de vinho)
É lindo o vinho, madurinho!

É lindo o vinho junto ao pão,
Por sobre a mesa, em lar cristão,

É lindo o vinho, tão jocundo,
Em côr e espuma, em copo fundo!...

É lindo e moço na alegria,
O vinho mosto que enebria!...

É lindo o vinho... (ó imprevisto!...)
Por sangue e amor de Jesus Cristo!...

Outro Vinhateiro
(Rosto queimado pelas ardências do sol)

É lindo... e olhai! hão-de o pisar,
Em sofrimento, no lagar!...

Rodrigo Emílio

DIONISÍACA

Foram chuvas, sol e sachos,
foram milhentas canseiras
para as uvas serem cachos
e haver vida nas videiras.

E haver vides e gavinhas,
haver parras nas parreiras,
estacas encosta acima...

Caminhos de vinho, as vinhas:
Vira de mãos vidareiras
em boa-vinda à vindima.

Foram balsas no lagar.
Hoje às provas me removo,
e acabo, enfim, por cantar:
— vinho velho! vinho novo!

Artur Lambert da Fonseca

VINDIMA

I

Era o jogo aéreo dos verdes
e na terra sêca o baralhar
das nódoas de luz
sob o baloiço suave
dos dosseis fragantes.

O crepúsculo das folhas vinha longe
porque a força agridoce que estonteia
sem pressa, arredondava ainda os negros bagos.

Vindimas... Vindimas... na calma manhã
e os moços negruscos e as moças garridas,
suados e tingidos de roxo,
Viravam os cestos, manchados de vinho,
para o caos dos cachos
dentro das negras pedras dos velhos lagares
nas adegas sombrias
rindo
porque sabiam que estavam a gerar
toda a alegria quente
da vagarosa vida da terra.

II

Vindimam-se os olhos negros
às furtadelas
e o sumo lascivo
da repentina colheita
era a frescura espumante dos risos.

Ferrer Lopes

BENDITA SEJAS, SABOROSA PINGA...

No meio das alegrias e tristezas
em que nos debatemos pela vida.
Quando nas horas cheias de incertezas
procuramos em ti, uma guarida...

Quando fartos de ver tantas baixezas
sentimos já nossa alma dolorida.
Num mar encapelado p'las torpezas,
no qual a própria FÉ, está combalida!

És tu, divino sumo, milagroso
que nos dás essa efémera alegria
de sentir no viver, supremo gozo!

Não fôras tu, de mim o que seria,
ó perfumado néctar, tão mimoso,
levai-me às regiões da fantasia!

António Vilar da Costa

SÃO MARTINHO

Dia de São Martinho! Os foliões
Invadem as adegas, p'lo caminho!
Beber é uso antigo... e o Zé Povinho,
Jamais olvida velhas tradições!

Estoiram as castanhas! Corre o vinho!
Andam de mão em mão os cajirões!
Toldam-se as vistas, turvam-se as razões...
E acaba em «trolitada» e borborinho!...

Vem meu amor! A vida é o presente!
Apesar desta chuva impertinente,
Eu também de folgar sinto desejos!

Beber contigo, numa orgia louca!
Sorver o doce mel da tua boca...
Embriagar-me sim... mas com teus beijos!

Artur da Cunha Araújo

CONVITE FEITO AO DOUTOR FELICIANO GUIMARÃES QUE SOFRIA DE ASMA

Meu caro Feliciano
Estamos cincoentenários!...
E o pobre canastro humano
vai caindo ano p'ra ano,
Sofrendo de achaques vários...

É preciso reagir...
Não nos deixarmos vencer
Sem lutar. E conseguir
Amenizar o porvir
Sem medo de envelhecer.

O velho e famoso Horácio
De perdurável estética
Num vetusto cartapácio
Lembrava como opiáceo
Os doces vinhos da Rethica.

Façamos como ele fez
No seu umbroso cantinho:
Neste mundo de entremês
Apetece muita vez
Apagar mágoas com vinho.

Sejamos epicuristas
No acertado do termo.
Sem tendências fatalistas
Com unidades de vistas
Tratemos do corpo enfermo.

Tenho aqui umas perdizes
E um vinho da região
Que não fazendo «deslizes»
Tornam os dias «felizes»
E alegram o coração.

Porque não exp'rimentar?
Não acha a receita prática
P'ra quem sofre faltas de ar?
Vai de certo melhorar
Da sua bronquite asmática.

Deixe a água de Grichões
Que toma «por cerimónia»
E siga as minhas lições:
O vinho em ocasiões,
É bem melhor que a estramónia.

Fernando Pinto Ribeiro

AO VINHO DA MINHA SEDE

Oh sede que te incendeias
Nas veias do meu destino
E rebentas as cadeias
Das peias que não domino

Oh sede de um novo sangue
Num outro corpo divino
Oh sede da minha sede
Remorso em desatino

Oh sede que se não mede
E que a si própria se bebe
Noutra sede que adivinho
Sem fonte no meu caminho

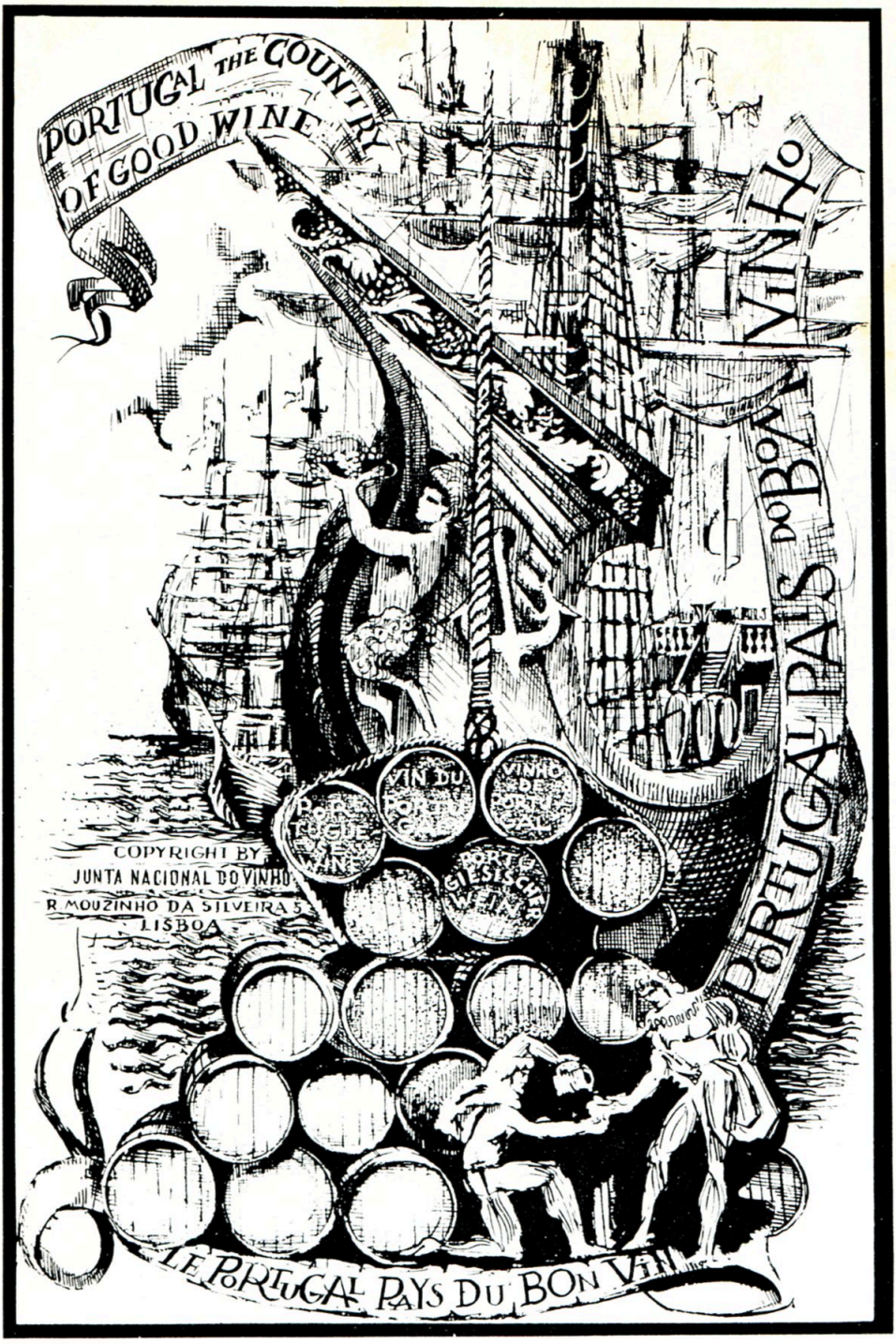
Oh sede maldita sede
Oh sede bendito vinho

Água da sede sem sede
Sede da sede infinita
Que me limita e excede

Sede do corpo e da alma
Que me acalma e que me excita

Oh sede maldita sede
Oh vinho sede bendita

Barco rabelo



Cartaz da Junta Nacional do Vinho

Bramão de Almeida

O MILAGRE DAS BODAS EM CANÁ

Jesus e os seus estavam abancados,
Festejando umas bodas de Caná,
Eis se ouve, a meia festa, que não há
Mais vinho. Alguns estavam consternados.

Então, se ergue Jesus; manda aos criados
Que encham de água umas talhas que viu lá,
E quando as mesmas transbordavam já,
Retira delas vinhos perfumados.

Ouvindo o caso a vários linguareiros,
Muitos há que se prostram pelos cantos
Adorando Jesus como rafeiros.

Mas de onde a admiração, de onde os espantos?
O mesmo fazem hoje os taberneiros,
E mais não têm pretensões a santos.

Francisco Leão

CANÇÃO DO LAGAR

Tua boca ao moscatel
Ouvi para aí comparar!

Ai muda que muda,
Ai torna a mudar,
Ai que esta modinha
Só eu sei cantar!

Ai que esta modinha
Só eu sei cantar...

Malta que andais a pisar.
Pisai o mosto a cantar,
Cantai comigo outra vez...

...Que a cantar a gente anima
E o bom tempo da vindima
Dura pouco mais dum mês!

Augusto Barreiros

VINDIMA

Duas horas. A tarde no começo.
Sobre a tarde um aroma cor de vinho.
Carregados de sol pelo caminho
Passam homens doirados que conheço.

Vêm hirtos das vinhas do senhor
Anunciando a nova das videiras
Enquanto as uvas loiras e trigueiras
Choram bagas de mel ou de suor.

Trazem ópio, nas cestas de Setembro,
Os vultos que se curvam de cansaço:
«Quer uma ajuda, amigo?» — estendo o braço —
Mas o jugo do mundo não lhes lembro.

Benvindo Benedy

ORAÇÃO DO VINHO

Vindimas!... Terras de fecundação
de divindade!...
— Ajoelhai,
orai,
ó Cristandade,
e abençoai,
em paz e com fervor,
a nossa Redenção
na frutificação
das vinhas do Senhor!

É um altar o solo campesino...
— A Uva é tão sagrada como a Cruz!...
Em cada víneo fruto, que é divino,
está, em sangue, o corpo de Jesus!...

Vinho da robustez,
Da força varonil e salutar
que move o braço ao rude camponês
e, na dor
do labor,
o faz cantar!
Bendito sejas, Vinho Criador!
— É da tua energia,
tornada, assim, canção heróica, de alegria,
que vem à terra o dom de transmudar
na apoteose do fruto suculento
o sofrimento
de germinar!...

Vinho vivificante, medicinal!
Néctar dos Deuses, dissolvente
das bactérias do Mal!
Rúbido sangue do convalescente!
— Se o pobre enfermo pela vida anseia,
tu lha vens dar...
Acendes-lhe uma aurora em cada veia
e uma flama de sol no amortecido olhar!...
Vinho do Bem, aguilhão da Saúde,
Vitalizante e forte!
Bendito sejas, pela virtude
que invalida
a expansão da Morte
na essência da Vida!...

Vinho de pátrio amor!
Vinho da intrepidez, exortador
da Raça e da Epopeia!

Em ti se aviva e alteia
a sacrossanta chama
que, iluminando a História,
faz do Soldado um semideus da Glória
e a Pátria eleva para além da Fama!...

Vinho de luta, exaltação suprema!
Excitador olímpico do Feito!
Bendito sejas, pelo Direito
Que os povos leva à desafronta extrema!...

Vinho de romaria
de profana poesia,
de religiosidade!
Por Ti, o paganismo
abraça o Cristianismo
em movimento e luz de alacridade!...

Vinho de festa, sempre a par
da devoção!
Bendito sejas, pelo condão
que faz folgar
o Céu e a Terra, em comunhão!...

Vinho remoçador,
evocador!
O pobre velho, com a cova aos pés,
reencontra em Ti alento juvenil
e vê a Vida como que através
dum prisma feito de manhãs de Abril!...

Vinho de sonho, de ressurreição
e piedosa ilusão!
Bendito sejas, pela magia
que faz reverdecer, vibrante de alegria
a emurchecida flor do nosso coração!...

Vinho familiar,
da concórdia cristã e da paz que deleita!
sobre a mesa do Lar
Tu és como que a bênção liquefeita
dum anjo tutelar!...

Vinho de afecto pacificador!
Bendito sejas, pela suavidade
que refrigera e muda as ardências do amor
em perpétua acalmia de amizade!...

Vinho de boémio e liberdade,
de solidariedade,
de fidalga expansão
e altruismo!
Por Ti, se despojando o egoísmo,
o homem vê no homem um irmão,
o mendigo socorre outro mendigo
e à miséria sem pão e sem abrigo
o rico estende dadivosa mão!...

Vinho fraterno, generoso vinho!
Bendito sejas, pelo impulso de nobreza
que leva o desamor tradicional mesquinho,
a cobrir com seu manto a mudez da pobreza
e a abraçar toda a gente, no caminho!...

Vinho de transcendência,
de espiritualidade,
de alada fantasia e de eloquência!
Vinho da perenal subtilidade,
da graça esfusiante e do sorriso!
Tu és a ponte de sublimidade
entre o homem e o céu de Dioniso!...

Vinho de libação
que põe em tudo um rastro
de luminosa altura!
Bendito sejas, pela inspiração
que muda o verme em astro
e os monstros em anjos transfigura!...

Vinho adorado,
divinizado,
Vinho do Altar!
Sangue do sacrifício humanitário!
Tu foste derramado no Calvário

unicamente para nos salvar!...

Vinho de abnegação!
Sangue de Deus-Jesus!
Bendito sejas, pela Santa Cruz
da Redenção!...

Vinho! Porque és tocado pela mão
do homem imperfeito,
muitas vezes, em Ti, se observa o geito
da sua miseranda condição...

Mas um dia virá em que, já depurado
do fermento do Mal,
serás, enfim, o elo desejado
da comunhão social...
Então, num festim de vitória
erguendo as taças
e unidos — finalmente! — em espírito cristão,
os homens, sobre a Terra, abençoarão,
em Ti, o amor recíproco das Raças!...

Vinho da perfeição!
Vinho dos Vinhos, Vinho — Deus do Bem!
— Perto ou distante que de nós estejas,
Louvado sejas!
Bendito sejas para sempre!
Amem!

Azinhal Abelho

ELOGIO AO VINHO DE BORBA

No gargalo das talhas ferve o mosto
— Refervura que é bem a imolação —
Dos cachos cheios de Sol, no mês de Agosto,
Consumindo-se em actos de aflição.

São mostos, são colhidos, são pisados
E estão neste cristal, em vinho claro.
— Vais à mesa dos reis e consagrados,
Vinho de Borba eu te proclamo o raro.

Eu te louvo: és o sangue do Senhor
E aos fracos dás forças e dás vigor,
Virando os simples para bem espertos.

Contigo mesmo incertos estamos certos,
Picante no sabor, fulgente em cor,
Fazendo-nos sonhar de olhos abertos.

António Pires Cabral

O VINHO

E, da parra espreitando o gesto insubmersível,
dizemos nele haver indícios penitentes
da líquida e casta sofreguidão. Impoluto
o vinho recompensa os horizontes, desfigura
em tempo inverso da miséria o desconforto.
Eis o vinho
a breve e difusa tensão, o lento ardor.
Retirai do vinho o esquecimento —
resta um pasmo acre e sem memória.
Retirai-lhe o sono e a viola — oh, não restará
senão o impasse nu.
Não violeis jamais
do vinho a clara redenção. Respeitai sempre
o purpúreo consolo que o habita.
E, se acaso
a terra trabalhais em água e dor,
cultivai sempre o fruto incorruptível,
o sonho transfegado
em vossos lagares manipulai,
por forma a oferecer sempre aos transitos
irmãos vossos
a vida re-habitada, o fresco e branco acto
de beber.

Natália Correia

CRISTO BÁQUICO

Nasceu na terra como as fontes
Misturado com os animais
Que irreprimíveis pelos montes
Se dão nas luas casuais.

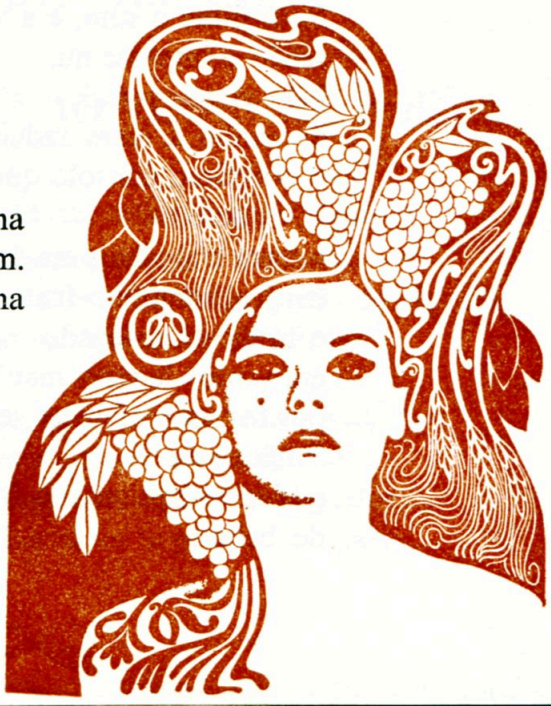
Do bicho à boca
Da boca à fome
Dos animais que os bichos comem,
Subiu mais alto. Até ao homem
Com fome e sede no seu caminho.
E ele era o pão. E ele era o vinho
Porque era a taça servindo o sangue
Que lhe batia no coração.

Dos seus passos nasceu
O corpo de Maria Madalena
Puro, no que surpreendeu
Numa aventura que floresce pena.

E nos seus passos floriu
Com martírio mas sem piedade
A flor que a morte lhe exigiu
Para ser príncipe doutra verdade.

Os espinhos da rosa mais nocturna
Em seu corpo de lírio se cravaram.
E os dedos da estrela mais soturna
A fronte pura lhe enodoaram.

Mas espinhos e dedos perfumou
Com o cheiro que a terra trazia
Porque na carne crucificada
Era Diónisos que ria...



António Aleixo

QUADRA

Vinho que vai p'ra vinagre
não retrocede o caminho;
Só por obra de milagre
pode de novo ser vinho.

João Patrício

QUADRA

Uva verde, verde cacho,
Bago de uva redondinho.
Muitos bagos dão o cacho,
Muitos cachos dão o vinho...

Moreira das Neves

EM LOUVOR DO VINHO DO PORTO

Vinho do Porto: Oiro e sol,
Filho da Terra e do Céu:
Anda à cabeça do rol
Dos vinhos que Deus nos deu.

É sangue de Portugal,
Tão cor de lume e tão puro,
Que, num copo de cristal,
Torna presente o futuro.

Mesmo sem ir ao altar
Em hora sagrada e calma,
É vinho que faz rezar
E acende estrelas na alma.

Se o bebesse, o velho Homero
Faria duas ILÍADAS,
E Camões — não exagero! —
Cantava novos LUSÍADAS.

Vinho do Porto: É da História,
Vem já das eras pretéritas:
Tem ele a suprema glória
Do latim «in vino veritas».

Quem o deseje provar,
Prove-o num gesto de amor:
Em silêncio e devagar,
Como quem beija uma flor.

Outro vinho não merece
O comentário singelo
De um inglês: O que apetece
É com lágrimas bebê-lo.

Não faltará quem entenda
Que o seu renome imortal
Não fica atrás do da lenda
Do vinho do Santo Gral.

Vinho do Porto: Ei-lo, vem
Das ribas do Douro em brasa
E tem seu trono, por bem,
Na mesa de cada casa.

De mais, perturba o juízo?
Mas, por medida, alivia.
Os Anjos do Paraíso
O guardem de noite e dia!

Quadras do cancioneiro popular

QUADRAS DOS CANCIONEIROS DO MINHO

recolhidas

por Afonso do Paço e Gonçalo Sampaio

Dá-me vinho, dá-me vinho,
Por um copo de beber;
A água cria salgueiros
Tenho medo de morrer.

Dei um nó na fita verde
Outro na folha da vinha...
Ainda espero dar outro
Na tua mão e na minha.

Foste procurar rabiscos
À vinha que eu vindimei...
Não se me dá que outro logre
Carinhos que eu engeitei.

O diabo leve os homens,
Aqueles que bebem vinho;
Mas que não me leve o meu,
Bebe muito poucochinho.

Rapazes quando eu morrer
Levai-me devagarinho;
Ponham a guitarra aos pés
Encham-me a cova de vinho.

Se quizeres que eu cante bem
Dai-me uma pinga de vinho;
O vinho é coisa santa
Faz o cantar delgadinho.

Não corteis a vide branca
Que sobe pela janela...
São as escadas do amor
Que sobe e desce por ela.

Vós dizeis aparta, aparta,
O vinho tinto do branco;
Também de mim apartaram
De quem eu gostava tanto.

A videira quando chora,
Quando a corta o podador...
Também eu tenho chorado
As penas do meu amor.

No meio de tantas drogas
Em que a saúde se perde,
Cantem vozes e violas:
— Vinho verde, vinho verde!

Se quereis que eu cante bem,
Dêem-me uma pinga de vinho;
Pois o vinho é coisa santa,
Faz o cantar delgadinho.

Dá-me vinho, dá-me vinho
Por um copo de beber;
A água cria salgueiros,
Tenho medo de morrer.

Já comi uvas maduras
Da videira mal podada;
Mais vale ser pobre alegre
Do que rica apaixonada.

Já comi uvas maduras
Da videira mal podada;
Mais vale ser pobre alegre
Do que rica apaixonada.

Ó que pinheiro tão alto
Que dá pau para colheres.
Água choca para os homens,
Vinho branco para as mulheres.

Eu queria cantar alto,
A garganta não me ajuda;
Falta-me aqui o pão branco
E mais o sumo da uva.

Pescador que vai ao mar,
Soldado que vai à guerra:
Valem mais, se lhes não falta
O vinho da sua terra.

Nenhum vinho como o verde
Tem o travo das amoras.
Mata a sede e põe alívios
Sobre a tristeza das horas.

A terra do vinho verde
Toda se exalta e se preza,
Por ter a cor de metade
Da Bandeira Portuguesa.

Cada tarde de vindima
Parece de romaria.
Andam cantigas no vento,
Nas almas anda alegria.

QUADRAS DO CANCIONEIRO POPULAR TRANSMONTANO E ALTO-DURIENSE

recolhidas por Guilherme Felgueiras

Este mundo é uma vinha,
Cada cepa, seu cristão;
Vem a morte faz vindima
Sem procurar geração.

Baçal (Bragança)

Toda a vida desejei
O nome de Antoninho,
Agora, na mão o tenho,
Caiu-me a sopa no vinho.

Cravelos (Vila Real)

Minha sogra morreu ontem,
Levou palmito e capela;
Deixou-me a chave da adega
E o vinho, bebeu-o ela!

Codeçoso (Boticas)

Dai-me uma pinga de vinho
Para molhar a garganta;
Eu sou como o rouxinol,
Quando bebe, logo canta.

Valpradinhos (Macedo de Cavaleiros)

Por esta rua corre água,
Pela outra corre vinho,
E por outra correm lágrimas
Do meu amor, coitadinho!

Pinelo (Vimioso)

Tenho fome, tenho sede,
Não é de pão nem de vinho;
Tenho fome dum abraço,
Tenho sede dum beijinho.

Vinhas (Macedo de Cavaleiros)

Ó ai que se arromba o pipo,
Ó ai que se entorna o vinho,
Ó ai que se arromba o pipo
Ao meu amor coitadinho!...

Cervos (Montalegre)

Pelo mar abaixo
Vai uma cabaça,
S'ela leva vinho,
Leva toda a graça!

Pelo mar abaixo
Vai um piparote,
S'ele leva vinho,
Tirai-lh'o batoque.

Dornelas (Boticas)

Se fores a Miranda
Leva pão na manga
E vinho na borracha,
Que lá num s'acha.

Duas Igrejas (Miranda do Douro)

Andei toda a minha vida
A guardar uma ramada;
Uma hora qu'eu faltei,
Logo a achei vindimada.

Justes (Vila Real)

Apartai-o, apartai-o,
O cacho preto do branco;
Também a mim m'apartaram
De quem eu queria tanto!

Calvelhe (Bragança)

Pediste-me uva moscatel,
Inda não veio a vindima;
Se queres uma moscatel doce
Vem comigo até à vinha.

Carvalhais (Mirandela)

Já se findou a vindima,
Começa caindo a chuva;
Como a videira sem cachos,
Está a minh'alma viúva.

Valpradinhos (Macedo de Cavaleiros)

Sou um triste podador,
Não te posso assistir;
De dia vou para a poda,
À noite quero dormir.

Braçal (Bragança)

O olho da vide chora,
Que o corta o podador;
Também eu ando chorando
Ausências do meu amor.

Justes (Vila Real)

O olho da vide chora
Lágrimas de seis a seis;
Também os meus olhos choram,
A causa bem na sabeis.

Justes (Vila Real)

Se o olho da vide chora,
Eu porque não chorarei?
Eu vejo lograr a outro
O que por gosto deixei.

Louredo (Santa Marta de Penaguião)

O diabo leve os homens,
Aqueles que bebem vinho;
Nosso Senhor guarde o meu
Qu'ele bebe poucochinho.

Justes (Vila Real)

Chora a videira,
Ó videirinha;
Chora a videira,
Ó rosa minha.

Chora a videira,
Ó videirão;
Chora a videira
E o meu coração.

Chora a videira,
Videira chora,
Pelo seu amor
Que se vai embora.

Louredo (Santa Marta de Penaguião)

Rio Douro, rio Douro,
Arrumado ao Pinhão;
Deu a moléstia nas vinhas,
Senhor! tende compaixão.

Pegarinhos (Alijó)

A vara da vide nova
Está sujeita à prisão;
Também eu estou sujeita
A amar o teu coração.

Justes (Vila Real)

Vamos lá cima a Barroso
À segada em Romainho;
O pão já vai na cabaça,
E na cesta vai o vinho...

Agrelos (Covas do Barroso)

Rapazes, quando eu morrer,
Levai-me devagarinho,
Fazei-me a cova d'aguardente,
Regai-a toda com vinho.

Soutelo (Santa Marta de Penaguião)

Leve o diabo paixões,
Venham canadas de vinho;
Agora mandei fazer
Calças de boca-de-sino.

Rebordãos (Bragança)

Não há pão como o pão alvo,
Nem carne como o carneiro,
Nem vinho como o maduro,
Nem amor como o primeiro.

Genísio (Miranda do Douro)

Venha vinho, venha vinho,
Venha mais meia canada,
Por que eu sem vinho não canto
Nem posso romper na eirada!

Venha vinho, venha vinho,
Qu'eu água não sei beber;
A água tem sanguessugas
Tenho medo de morrer!

Estas mocinhas d'agora
Já não sabem fiar linho,
Só correm para o louceiro,
A ver se a malga tem vinho.

Codeçoso (Boticas)

Vinho fino do Alto Douro
De forte me fez falar;
Põe-me alegre, põe-me fino,
E só m'estrova o andar...

Pegarinhas (Alijó)

Olha a pomba que fugiu
Voltou costas ao seu ninho;
Veio à beira do lagar
Beber um copo de vinho.

Barqueiros (Mesão Frio)

Ó meu rico regadinho,
Que levas no regador?
— Levo-o cheio de vinho
Para dar ao meu amor.

Barqueiros (Mesão Frio)

QUADRAS DO CANCIONEIRO DO ALENTEJO

Ó videira dá-me um cacho,
Ó cacho dá-me um baguinho;
Menina dá-me um abraço
Que eu te darei um beijinho.

Da terra sai a videira;
Saiem da videira as uvas...
As solteiras dão casadas
E as casadas dão viúvas.

As parreiras deitam parras
Ficam viradas com uvas...
Os rapazes vão para a tropa
Ficam as moças viúvas.

Tu tens a parreira à porta
Não a sabes lagartar;
Tens o teu amor defronte
Não o sabes namorar.

Adeus chão que foste vinha
Agora estás de bacelo...
Se a inveja fosse tinha,
Já tu não tinhas cabelo.

Se cortares a videira
Dá-me dela uma verdasca;
Para meu entendimento
Meia palavra já basta.

Não te encostes à parreira
Que parreira deita pó;
Encosta-te à minha cama,
Sou solteiro durmo só.

À porta da minha sogra
Está uma parreira em ser...
Quem não aparece esquece,
Também eu hei-de esquecer.

Não se me dá que vindimes
Vinha que eu já vindimei...
Não se me dá de que logres
Carinhos que eu já logrei.

Não colhas o cacho verde
Da parreirinha ferral;
Não tomes outros amores
Enquanto eu te for leal.

A folha da parra é triste,
De noite mete terror;
Já que me puzeste em fama
Não me percas o amor.

Ó parreira dá-me um cacho,
Ó cacho dá-me um baguinho;
Cacho verde é amargoso,
Dá-mo tu já madurinho.

A parreira só dá uvas
Quando tem bom tratamento;
O amor só dá esperanças
Quando chega ao casamento.

CANCIONEIRO DO RIBATEJO

Os rapazes cá da terra
Quando andam nas vindimas
Já parecem uns malucos
Por causa das raparigas

Já cá tomara a vindima
E o tempo da brincadeira,
Para dar ao meu amor
Um cacho da «trincadeira».

Manuel, cachinho de uvas,
Apanhado na parreira;
Não sei se te coma agora,
Se te guarde para a ceia.

Quem me dera lá na terra,
À sombra da barraquinha...
P'ra contar à minha mãe
O que passei na vindima.

Vá p'ra cima, vá p'ra cima;
Vá p'ra cima, vá p'ró ar;
Viva o rancho da vindima
E os homens do lagar.

Aparta, meu bem, aparta,
O vinho tinto do branco;
A mim também me apartaram
Dum amor que eu queria tanto.

Não cortes o cacho verde
Da videira «cerceal»;
Não contes os teus amores
A quem te não for leal.

Já cá tomara o Verão,
O tempo das vindimadas,
Para dar ao meu amor
Um cacho de uvas passadas.

FESTAS DAS VINDIMAS NA CURIA EM 1961

Um beijo da minha amada
É tão doce e embriagante
Como um cacho da Bairrada
Já transformado em espumante!

Segui sempre o teu caminho
Vindimei sempre a teu lado!
Inda a uva não é vinho
Já eu ando embriagado!

Bago de uva quem me dera
Ser esse que tens na mão!
Tinha a tua boca à espera
Sem tua autorização!

Perdem-se nos cachos verdes
Os olhos do lavrador.
— Os olhos com que me perdes
São também da mesma cor!

Eu, amor, comparo às uvas
Esses lindos olhos teus:
As uvas dão vida à gente,
Teus olhos dão vida aos meus!

Eu não sei o que procuras
Por entre os cachos aos molhos
Se não há uvas maduras
Mais belas do que os teus olhos.

Uvas!... Que destino lindo!...
Saís da terra, do chão...
E findais, sempre subindo,
No cálix da Elevação!...

Se o coração é que encerra
Tudo o que em nós há de bem,
Uva coração da Terra...
— Guarda o melhor que ela tem.

Meu coração enganou-se
Ao medir o teu carinho:
A uva por ser mais doce
Não é a que dá mais vinho...

Se choras uma ilusão,
Teus olhos podes limpar:
Bago pisado no cesto,
Não dá vinho no lagar.

OIÇA LÁ Ò SENHOR VINHO

fado de Alberto Janes

Oiça lá ó senhor vinho,
Vai responder, mas com franqueza,
Porque é que tira
Toda a firmeza
A quem encontra no seu caminho?
Só por beber um copinho,
Mais até, pessoas pacatas,
Ali vivinho, em desalinho,
Vossa mercê faz andar de gatas.

É mau procedimento
E a intenção naquilo que faz
É trazer desequilibrio...
Não há equilíbrio que seja capaz.
As leis da Física falham
E a vertical de qualquer lugar
Oscila sem ser detida,
Deixa de ser perpendicular.

A TENDINHA

fado de José Galhardo

Junto ao Arco de Bandeira
Há uma loja a Tendinha
De aspecto rasca e banal...
Na história da bebedeira
Aquela casa velhinha
É um padrão imortal

Estribilho

Velha Tendinha
És a tasca humilde e eterna
Desta Lisboa moderna
Que mantens a tradição...
Velha Tendinha,
És o templo da pinguinha
Da boémia e do pifão.

CANÇÃO DO VINHO VERDE

Na malga de barro
Verde fresquinho
Que gosto de vinho
Que rico sabor!
Não prova quem quer
Do verde verdasco
Que mata a sede
E que vem do casco...

Meados de Agosto
Aperta o calor
E o verde mata
Securas de amor.

Estribilho

Não pode haver romaria,
Sem briga
E sem fartura de vinho...
O Verde dá-lhe alegria
Cantigas ao desafio
Cantadas pelo caminho.

CANÇÃO DA PARREIRINHA

Silva Tavares

(Revista "Cabaz de Morangos")

Estribilho

Verde parrerinha
Cobre com teu manto
Gente pobrezinha
Num trabalho santo...
Os casais da estrada
Em febris afagos
Colhem da latada
Sumarentos bagos.

Toca o sino e o sol abrasa
Vem o povo pelos caminhos...
Sob a latada da casa
Sorri um par de velhinhos.

Nos dias de romaria,
Pelo quente mês de Agosto,
Dou sombra, paz e alegria
Da madrugada ao Sol-posto.

FIM

ÍNDICE

Primeira legenda 7

Roteiro Lírico do Vinho Português 9

Meditação poética do vinho 13

Bíblia — Velho Testamento 17

Bíblia — Novo Testamento 19

Anrrique da Mota

Lamento 21

Sá de Miranda

Carta ao Senhor de Basto 23

Gil Vicente

Pranto de Maria Parda 25

Ribeiro Chiado

Prática dos Compadres 30

Camões 34

Frei Agostinho da Cruz

Sonho 34

Bandarra

Sonho 35

Jerónimo Baía

Retrato 35

Pedro António Correia Garção

Ditirambo II 37

A. D. Cruz e Silva

Hissope 38

Nicolau Tolentino

Carta 39

Bocage

Epigrama 41

Filinto Elísio

Ditirambo 41

Curvo Semedo

Ditirambo ao Duque de Lafões 43

Reverendo Abade de Travanca

Os Dez Mandamentos da Báquica Beleza que resumem o Beber à Portuguesa 44

Almeida Garret
São Martinho 45
A. F. de Castilho
Geórgicas 48
Bulhão Pato
Vindima 50
Simões Dias
Feira Franca 51
João de Deus
A Bulhão Pato 52
João Penha
A um abstémio 53
António Nobre
Excerto 59
Conde de Monsaraz
Os Bêbados 59
António Feijó
Noctambulo 61
Alfredo da Cunha
Inominada 62
Eugénio de Castro
Canção do Vinho do Porto 63
Guerra Junqueiro
A Vinha do Senhor 66
Guilherme de Azevedo
Poesia VI 67
Gomes Leal
Nova Balada do Rei de Tule 68
José Duro
Cores 70
João Verde
N'Aldeia 71
João Saraiva
Auto do Vinho do Porto ou uma partilha no Olimpo 71
Alberto Osório de Castro
Nigra Sum 76
António Sardinha
Cair do Outono 76

Afonso Lopes Vieira
As Árvores 77
Augusto Gil
O Alegre Sileno 78
Paulino de Oliveira
A Vinha 81
Emiliano da Costa
Dionisíaca 82
Cândido Guerreiro
Soneto (excerto) 83
António Correia d'Oliveira
Vindima 83
João de Barros
Romaria 84
Fausto Guedes Teixeira
As Vindimas 88
Acácio de Paiva
Baguinho de Uva, que Ficaste Preso 91
Afonso Duarte
Versos da Madrugada 93
Teixeira de Pascoais
A Minha Aldeia 93
Camilo Pessanha
Soneto 94
Florbela Espanca
Volúpia 94
Virgínia Vitorino
Vindima 95
Fernanda de Castro
Outubro 95
Américo Durão
Amante 96
Fernando Pessoa
Ode 97
António Botto
Canção 97
Adolfo Casais Monteiro
Bebedeira 99

José Régio
Espírito 99
Miguel Torga
Ode a Baco 100
Francisco Bugalho
Feira 102
Fausto José
Em Louvor do Vinho 103
Carlos Queiróz
Ex-Libris 103
Saul Dias
Legenda 105
Manuel Bandeira
Portugal, meu avôzinho 105
Armando Cortes Rodrigues
A Terra 106
Sebastião da Gama
Baco 106
João Cabral do Nascimento
Vindimas 107
Vitorino Nemésio
Festa redonda 108
Rebelo de Bettencourt
Em louvor do vinho de cheiro 110
António Alves Martins
Leomil 113
Celestino David
Hino do vinho 114
Marques da Cruz
Sanguínea do lagar-de-vinho 114
Acácio Leitão
Douro 117
Cardoso Marta
Quadras 118
Silva Tavares
Quadra 120
Américo Cortez Pinto
O festim 120

Pedro Homem de Melo
Canção vermelha 123
Campos Figueiredo
Vinhedos 123
Rodrigo de Mello
Vindima 124
Mário Lyster Franco
Vinho algarvio 126
José Rodrigues
Palavras de louvor ao vinho 126
António Cabral
Vindima 127
Ramiro Guedes de Campos
«Cock-tail» 128
David Mourão-Ferreira
Canto báquico dos Goliardos 129
António Porto-Além
Quarteto 131
António Manuel Couto Viana
Elegia 131
Mário Dias Ramos
Vinho/vinho 132
Manuel Alves
Vida airada 132
Amândio César
Vindima 134
Júlio Evangelista
Em louvor de São Martinho 135
Vasco Reis(Reis Ventura)
Romaria 138
Rodrigo Emílio
Dionisíaca 139
Artur Lambert da Fonseca
Vindima 139
Ferrer Lopes
Bendita sejas, saborosa pinga... 141
António Vilar da Costa
São Martinho 141

Artur da Cunha Araújo
Convite feito ao doutor Feliciano Guimarães que sofria de asma 142
Fernando Pinto Ribeiro
Ao vinho da minha sede 144
Bramão de Almeida
O milagre das bodas em Caná 145
Francisco Leão
Canção do lagar 146
Augusto Barreiros
Vindima 146
Benvindo Benedy
Oração do vinho 147
Azinhal Abelho
Elogio ao vinho de Borba 152
António Pires Cabral
O vinho 153
Natália Correia
Cristo báquico 154
António Aleixo
Quadra 155
João Patrício
Quadra 155
Moreira das Neves
Em louvor do vinho do Porto 155
Quadras do cancioneiro popular 157
Quadras dos cancioneiros do Minho 157
Quadras do cancioneiro popular Transmontano e Alto-Duriense 159
Quadras do cancioneiro do Alentejo 163
Cancioneiro do Ribatejo 164
Festas das vindimas na Curia em 1961 165
Oiça lá ò senhor vinho — *fado de Alberto Janes* 167
A tendinha — *fado de José Galhardo* 167
Canção do vinho verde 168
Silva Tavares
Canção da Parreirinha 169

Uma edição das Edições do Templo

Rua da Mãe d'Água, 13, 4.º-F. — Tel. 36 21 58 — LISBOA